



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

LEONARDO RÉGIS DE PAULA

NARRATIVAS E FICÇÃO: TRAÇANDO INTERSECCIONALIDADES NO  
ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Porto Alegre

2019

LEONARDO RÉGIS DE PAULA

NARRATIVAS E FICÇÃO: TRAÇANDO INTERSECCIONALIDADES NO  
ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES



Trabalho apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Lílian Rodrigues da Cruz

Coorientadora: Bruna Moraes Battistelli

Porto Alegre

2019

---

<sup>1</sup> Imagem da Conceição Evaristo recuperada do site <https://www.hojeemdia.com.br/almanaque/principal-escritora-negra-na-actualidade-concei%C3%A7%C3%A3o-evaristo-faz-as-pazes-com-bh-1.664903>

LEONARDO RÉGIS DE PAULA

NARRATIVAS E FICÇÃO: TRAÇANDO INTERSECCIONALIDADES NO  
ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Trabalho apresentado como requisito parcial para a  
conclusão do Curso de Graduação em Psicologia  
pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BANCA EXAMINADORA

---

PROF. DRA. LÍLIAN RODRIGUES DA CRUZ - ORIENTADORA

---

DOUTORANDA BRUNA MORAES BATTISTELLI - COORIENTADORA

---

PROF. DRA. PAULA SANDRINE MACHADO – DEBATEDORA

## AGRADECIMENTOS

Eu podia escrever um trabalho de conclusão inteiro só de agradecimentos, pois sou muito grato de ter encontrado muitas pessoas maravilhosas e especiais ao longo da vida. O meu primeiro agradecimento vai para aquela que me deu a vida e muita inspiração. Muito muito muito obrigado por tudo Lurdeca, eu te amo infinitamente. Eu dedico essa graduação e o título de psicólogo para ti mãe, nada seria possível sem você no meu lado. Certeza, tu és a mulher mais porreta desse mundo. Tenho muito orgulho de ti mãe. Te amo. Muito obrigado.

Meu muito obrigado para aquelas que auxiliaram minha mãe na difícil tarefa de me educar. Muito obrigado dinda Salete, Suely e Veranice, é impossível lembrar da minha infância e não associar ao afeto e puxões de orelha de vocês. Falando em infância, um beijão para o meu irmão Eduardo, minha prima-irmã Priscila (que apesar dos arranca rabos, eu não esqueço do quão importante foi para mim) e para a minha melhor amiga e prima-irmã Pâmela. A minha prima Aldenice, obrigado pelo suporte inúmeras vezes. Meus familiares em geral, obrigado! Vocês todos estão no meu coração.

Dieguitoooooo, meu amor. Meu muito obrigado pelo companheirismo, pela oportunidade de fazer esses anos de relacionamento virar uma grande amizade e por ser esse ser iluminado e aguentar meus surtos. Amo te fazer rir. Teu sorriso é meu maior presente. Te amo, obrigado por tudo.

Aos meus bebês que amo imensamente, Blue Ivy e Alaska, obrigado por me acompanharem na escrita desse tcc, mesmo quando era para me tirar o foco, às vezes era preciso. Vocês são as gatinhas mais fofas desse mundo. Amo vocês!!!

Amigos queridos e amigas queridas, vocês fazem essa loucura toda de ser gente grande mais leve. Obrigado Camila, Meirielen, Liliana, Michelle, Catarina, Vincent, Sophie, Laura, Jonathan, Paullo, Pablo, Lorraine, André, Thainá, Leonardo, Felipe, Giovana, Franciele, Camila, Eloisa, Eriane, Cristina, Thalita, Nathalia, Sérgio, Amanda, Albi, Andressa, Vitória, Jesse, Jéssyca, Juliana, Jucimara, Anne, Flávia, Priscila, Bárbara, Natalia, Fernanda, Paulo, William. Sei que posso ter esquecido de alguns, me perdoem, mas o sentimento de gratidão a todos que estiveram ao meu lado sempre é sincero.

Quero agradecer a todos alunos negros que ingressaram ou não por cotas raciais nessa universidade, aos que eu conheço e aos que eu não conheço, vocês são resistência. Nós somos a resistência. Esse lugar é nosso! Muito obrigado! Como diz a Dona Ivone Lara: “Um sorriso negro, traz felicidade”.

A professora Claudia Giacconi e ao NEPP, meu muito obrigado por depositarem tanta confiança em mim. Ao professor Amadeu Weinmann e ao coletivo PET, as risadas e brincadeiras tornaram tudo mais leve, obrigado pelas sextas-feiras e por toda essa parceria e potencialidade que este grupo tem. Aos professores Henrique Nardi, Paula Sandrine, Raquel Silveira, Luis Artur Costa, Marcus Vinicius, ao CRDH e Nupsex, amei aprender muito com vocês, muito obrigado por fazerem parte de tudo isso. E me chamem sempre para os bons drinks, eu amo. Professora Rita Sobreira Lopes, eu quero agradecer imensamente o que aprendi contigo! Foi sem dúvidas uma das experiências que mais me deu esperança na universidade. Muito obrigado por tudo!

Profe Lilian, que sorte encontrar você nessa trajetória. Além de ser a minha orientadora, é a minha paraninfa e amiga muito querida que a vida me presenteou. Sou eternamente grato por toda a paciência e sensibilidade que tu tens ao me auxiliar na escrita deste trabalho. Estar no seu grupo e ao seu lado tem me feito muito bem. Gosto muito das suas gargalhadas, continue sempre com esse sorriso, ele é lindo. Quando crescer quero ser que nem você!

Ao GEPS, gurias vocês são muito especiais. Bruna, obrigada por entrar nas minhas loucuras e me mostrar que sou sim de “extrema humanas” mesmo sem querer. Tu tens sido uma grande parceria para discutir a ideia deste trabalho. Jéssyca, Thaís, Luciana, Amanda, Juliana, Kellen, Aline e Marília, vocês são incríveis, muito obrigado por me acolherem de forma tão linda nesse grupo.

Aos campos de estágio por onde passei e aos profissionais com quem trabalhei de diversas áreas que me mostraram a importância de um trabalho interdisciplinar, meu muito obrigado!!! Quero deixar registrado aqui também o meu carinho mais que especial pela nutricionista Camila. Baby, teu trabalho é magnífico! Que sorte esta minha de encontrar mais que uma parceira de trabalho excelente, mas também uma amiga. Um beijo especial para as minhas supervisoras locais de estágio: Gislei, Natália, Geovana, Ana Nadal, Ana Paula e Renata. Todas vocês foram essenciais para minha construção como psicólogo. Renata, eu quero destacar um agradecimento especial para

ti, psicóloga que eu passei mais tempo no campo de estágio e que fez dessa parceria uma grande amizade, pode contar sempre que precisar comigo. Tu és muito especial. Tenho muito orgulho do teu trabalho. Um beijão!

As minhas alegrias diárias, eu dedico este trabalho a vocês, todas as crianças e adolescentes do acolhimento institucional. Aqueles que vivem na pele o que é viver em uma instituição. Vocês me ensinaram tanto... vocês não têm noção do quanto eu aprendi nessa parceria. Vocês construíram esse psicólogo Léo. Muito obrigado, anjinhos! Guardarei vocês todos no meu coração!



2

---

<sup>2</sup> Imagem da Chimamanda recuperada do site <https://br.pinterest.com/pin/768074911420998630/>

## RESUMO

Tá babado, viado! Somos aqui um trabalho de conclusão de curso que (tenta) fugir dos moldes hegemônicos da academia. Neste sentido, costuramos inspirações e histórias na produção de conhecimento em Psicologia Social. Nosso objetivo é discutir como se opera a interseccionalidade nos serviços de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes a partir da construção de narrativas ficcionais. Bom, é uma gambiarra! Misturamos arte e produção de conhecimento em busca de um trabalho acadêmico menos impessoal, objetivo e formal. Desta forma, seremos um trabalho sobre histórias, teremos histórias do começo ao fim. Precisamos contar essas histórias. Precisamos exaltar a nossa cultura. Precisamos contar histórias de pessoas que estão inscritas numa trama de relações de poder fortemente hierarquizada e caracterizada pelo sexismo, racismo, cissexismo, heterossexismo, preconceito de classe e muitos outros. As histórias não são únicas, já diria a Chimamanda. Precisamos contar histórias. E falando em Chimamanda Ngozi Adichie, ela assim como a Conceição Evaristo, são as estrelas do meu trabalho. Da mesma forma, essas narrativas também dizem de lugares que fizeram parte de mim, principalmente (ou inclusive) dos abrigos em que realizei meus estágios. Isso não quer dizer que as narrativas são sobre os lugares que passei ou sobre acolhidos/as com quem trabalhei. Meus personagens têm uma força que vem desde o nome. Aqui fica o convite para navegar neste trabalho e principalmente nas narrativas, pois este foi realizado com muito carinho e estou cheio de orgulho desta empreitada!

**Palavras-chave:** narrativas; ficção; interseccionalidade; acolhimento institucional; criança e adolescente.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**AI** –Acolhimento Institucional

**AR** - Acolhimento Residencial

**AT** – Acompanhamento/Acompanhante Terapêutico

**B.O.** – Boletim de Ocorrência

**BPC** – Benefício de Prestação Continuada

**CAPSi** – Centro de Atenção Psicossocial à Infância e à Adolescência

**CRAS** – Centro de Referência de Assistência Social

**CREAS** – Centro de Referência Especializado de Assistência Social

**CT** – Conselho Tutelar

**DECA**- Departamento Estadual da Criança e do Adolescente da Polícia Civil

**HIV** – Vírus da Imunodeficiência Humana

**LA** – Serviço de Proteção Social a Adolescentes em Cumprimento de Medida Socioeducativa de Liberdade Assistida

**LOAS** – Lei Orgânica da Assistência Social

**NIS** - Número de Identificação Social

**NOB/SUAS** – Norma Operacional Básica do Sistema Único de Assistência Social

**PIA** - Plano Individual de Acompanhamento

**PNAS** – Política Nacional de Assistência Social

**PSB** – Proteção Social Básica

**PSE** – Proteção Social Especial

**SUAS** – Sistema Único de Assistência Social

**UBS** – Unidade Básica de Saúde



## SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO .....	11
2. O ACOLHIMENTO.....	14
3. INTERSECCIONALIDADES E/OU CATEGORIAS DE ARTICULAÇÃO NO ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES .....	16
4. DA FICÇÃO A REALIDADE: “MINHA CABEÇA PENSA E ESCREVE A PARTIR DE ONDE MEUS PÉS ESTÃO CRAVADOS” .....	20
4.1. CONCEIÇÃO EVARISTO: UMA INSPIRAÇÃO SEM FIM .....	21
4.2. CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE: UM AMOR A PRIMEIRA VISTA .....	24
4.3. JUNTANDO AS HISTÓRIAS E FAZENDO UMA BAITA GAMBIARRA.....	27
5. NARRATIVAS: “NADA DO QUE ESTÁ NARRADO É MENTIRA, NADA DO QUE ESTÁ NARRADO É VERDADE” .....	33
5.1. BOA MÃE, PORÉM, PROSTITUTA .....	34
5.2. BICHA PRETA DE ABRIGO .....	36
5.3. MEU SALÁRIO, MINHAS REGRAS .....	37
5.4. E SE O NOME DESSA RUA FOSSE BEYONCÉ? .....	39
5.5. A DOR DA DOR .....	41
5.6. O ESTAGIÁRIO QUE DÁ MUITA PINTA .....	43
5.7. AS VANTAGENS DE SER LOUCO.....	45
5.8. O SUSPIRO DE UMA VIDA INSTITUCIONALIZADA.....	47
5.9. A FEIRA DE FILHOTES .....	49
5.10. ESSA FESTA NÃO É MINHA! .....	51
5.11. MARIELLE, PRESENTE!.....	53
6. HISTÓRIAS (IM) POSSÍVEIS: DESCOLONIZANDO AS NARRATIVAS .....	55
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	59

### **Com o verbo na carne**

Esse texto deve ser aberto com bisturi  
Para refletir sonhos alheios  
Nas palavras, deixarei pistas de salvação  
Letras a abrir caminhos  
Sílabas de decisão

Esse texto deve ser aberto com bisturi  
O verbo cheio de carne vai derramar sangue negro em seu rosto  
Suas mãos brancas serão salpicadas de um vermelho quente e vivo  
Nas palavras deixarei pistas de salvação

Esse texto deve ser aberto sobre a mesa  
Para que reflita toda a sua luz  
Depois, que seja oferecido  
como o melhor tecido da última estação  
Valorizado como pérola  
Nunca distribuído aos porcos  
Depois da refeição.

Cristiane Sobral

## 1. APRESENTAÇÃO

“*Tem gente no portão!!!*”. Essa foi a primeira frase que ouvi de um acolhido quando fui pela primeira vez no abrigo em que iria viver muitas histórias durante um bom período. Essa também foi a frase que eu passei a ouvir todos os dias quando chegava lá. “*Tem gente no portão!!!*”. Cada dia em que eu cruzava aquela grade alta marrom para dentro do abrigo tinha uma história nova para ser contada, em um final de semana parecia que eu tinha ficado um mês longe. Lembro-me da frase que a minha supervisora me falou antes mesmo de começar a estagiar: “o acolhimento institucional é muito dinâmico, todo dia é uma aventura nova”. E essas palavras não foram da boca para fora, eu percebi o quão o acolhimento nos toma e nos envolve emocionalmente.

\*\*\*

Bom, começo o meu trabalho de conclusão de curso dando um aviso. Busco inspiração no texto *Crianças Bichas Demasiadamente Fabulosas* (Rodrigues, Roseiro, Zamboni, Brasileiro e Santana, 2017) para alertar que este trabalho será repleto de histórias. Do começo ao fim terá histórias. Desta forma, se você está esperando um texto acadêmico nos moldes tradicionais de um futuro psicólogo com interpretações munidas de referências, aconselho que pule para outro ou, então, deixe-se surpreender.

Refletindo, agora, o meu trabalho pode ser entendido como uma tremenda gambiarra. Entretanto, se assim for entendido, estarei no mínimo privilegiado por receber tal mérito. A gambiarra é, neste sentido, um modo de fazer. Assim como discute a autora Fernanda Bruno (2017), a gambiarra é o avesso do objeto industrial fechado. O objeto industrial fechado pode ser entendido como uma crítica da produção acadêmica e seus moldes aceitáveis de ciência.

Suas peças, emendas e conexões estão comumente explícitas não apenas visualmente e sensorialmente, mas também cognitivamente, pois ela permite que se leia em suas engrenagens e entranhas expostas os rastros de sua produção, dos gestos e acoplamentos que a constituem. De algum modo, a gambiarra opera num regime de “open knowledge” em sua própria materialidade, uma vez que, desde sua origem, sua montagem e seus usos, é sobre um saber comum, compartilhado e coletivo que ela se constrói. Esta continuidade entre a operação de produção e a utilização também está inscrita no próprio termo linguístico “gambiarra”, que designa na língua portuguesa simultaneamente um objeto (trata-se de um substantivo) e um modo de fazer, mostrando

a impossibilidade de se desconectar o objeto das ações que o produzem e que vêm de muitas partes (Fernanda Bruno, 2017, p. 147).

Neste sentido, a gambiarra é produzir histórias ficcionais. Aqui chamarei as histórias de narrativas. Narrativas dos serviços de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes. Narrativas ficcionais interseccionais. As inspirações para escrevê-las vêm de muitos lugares, principalmente (ou inclusive) dos abrigos em que realizei meus estágios. Isso não quer dizer que as narrativas são sobre os lugares que passei ou sobre acolhidos/as com quem trabalhei. Uma das coisas que posso afirmar é que a influência mais forte para escrever sobre o acolhimento vem das autoras Conceição Evaristo e Chimamanda Ngozi Adichie. As autoras não escrevem sobre acolhimento, tampouco sobre o campo da psicologia, entretanto imprimem em seus textos histórias de vidas que nos ajudam a pensar o conceito de interseccionalidade (retomarei mais adiante).

Tendo como foco o cenário do Acolhimento Institucional de Crianças e Adolescentes, a ferramenta teórico-metodológica da interseccionalidade nos auxilia a perceber como um marcador social da diferença pode produzir subjetividades sobre a vida de uma criança e/ou adolescente, antes mesmo de estar sobre a tutela do Estado. Trago a passagem do autor Rogério Diniz Junqueira (2012) para melhor desenvolver o conceito de marcadores sociais:

marcadores identitários relativos a “sexo”, “gênero”, “orientação sexual”, não se constroem separadamente e sem fortes pressões sociais concernentes a outros marcadores sociais, como “cor”, “raça”, “etnia”, “corpo”, “idade”, “condição físico-mental”, “classe”, “origem” (social, geográfica, etc.), entre outros. Por isso, tanto estes quanto aqueles não poderiam ser tomados de maneira isolada e sem levar em consideração os contextos de produção de seus significados, os múltiplos nexos que estabelecem entre si e os mútuos efeitos que produzem (Junqueira, 2012, p. 11).

Desta forma, tenho como objetivo discutir como se opera<sup>3</sup> a interseccionalidade nos serviços de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes a partir da construção de narrativas ficcionais.

**Alerta de spoilers:** Teremos impacto! As narrativas não são para serem interpretadas. Não vou fazer isso! Elas são para serem entendidas e produzirem efeitos. Não tenho controle do efeito que produzirão! São todas histórias, assim as fiz intencionalmente. Ora o leitor pode ficar se perguntando se a história é verdadeira ora se questionando se tudo saiu da minha cabeça. Pode afirmar que o que escrevi são coisas absurdas, que

---

<sup>3</sup> O objetivo aqui não pode se confundir com uma busca da operação do tipo “receita de bolo”, como se houvesse de fato uma operação rígida que é seguida acerca das interseccionalidades. Busco discutir os possíveis desfechos de personagens performáticos de histórias fabulosamente comuns.

jamais aconteceriam em um abrigo. Eu não tenho respostas para essas perguntas. Esse não será um texto acadêmico nos moldes hegemônicos (impessoal, objetivo e formal). Seremos contra-hegemônico. Nos aproximaremos da linguagem oral. Busquei inspirações para isso, inspirações infinitas que falam de um longo percurso acadêmico e de vida do ser que eu sou. Usarei gírias, a linguagem do abrigo, da periferia, a minha linguagem. Não vou sair explicando uma por uma, vou deixar os leitores e as leitoras na busca de significados. Isso é um convite! Meus personagens carregarão uma força que vem desde o nome. Busquei homenagear pessoas de grande representatividade e admiração. Pessoas, apenas pessoas que eu sinto orgulho.

## 2. O ACOLHIMENTO

Sexta-feira, final da tarde. Um carro branco estaciona na frente do abrigo. As portas do carro abrem e dele saem um senhor branco, cabelos grisalhos e uma senhora loira, ambos de crachá do judiciário. Do carro também saem duas crianças negras, dois meninos. Entraram na sala calados, olhos nervosos e atentos a qualquer detalhe. A coordenadora do abrigo leu rapidamente um ofício e devolveu assinado para o senhor que trouxe as crianças. Logo ficamos sabendo que ambos eram irmãos. O senhor e a senhora foram embora. As crianças foram então levadas para uma sala no fundo da casa. Lá estavam a psicóloga e a assistente social. A primeira conversa com as crianças. Um deles fazia todas as perguntas, o outro parecia estar tentando entender aquele lugar e tudo que estava acontecendo, permanecia calado.

\*\*\*

A história da construção do direito da Assistência Social é recente no Brasil. Em 1988, a chamada Constituição Cidadã, confere, pela primeira vez, a condição de política pública à assistência social, constituindo, no mesmo nível da saúde e previdência social, o tripé da seguridade social que ainda se encontra em construção no país. A partir da Constituição, em 1993 temos a promulgação da Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), a qual vai afirmar que “A assistência social, direito do cidadão e dever do Estado, é Política de Seguridade Social não contributiva, que provê os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas” (Brasil, 1993, p. 01).

Em 2005, com base na Política Nacional de Assistência Social (PNAS), foi aprovada a Norma Operacional Básica do Sistema Único de Assistência Social (NOB/SUAS), que regulou a organização em âmbito nacional do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Dentro da política existe uma divisão em dois níveis de proteção. A Proteção Social Básica (PSB) é uma delas, e tem como objetivo “prevenir situações de risco por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições, e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários” (Brasil, 2005, p. 33). O Centro de Referência de

Assistência Social (CRAS) é a porta de entrada da assistência social e um dos serviços que compõem a PSB. O outro nível é denominado como Proteção Social Especial (PSE) “é a modalidade de atendimento assistencial destinada a famílias e indivíduos que se encontram em situação de risco pessoal e social, por ocorrência de abandono, maus tratos físicos e, ou, psíquicos, abuso sexual, uso de substâncias psicoativas, cumprimento de medidas socioeducativas, situação de rua, situação de trabalho infantil, entre outras” (Brasil, 2005, p. 37). O Centro de Referência Especializado da Assistência Social (CREAS) é o serviço que executa essa política de proteção na perspectiva da Média Complexidade. Na Alta Complexidade compreende serviços de acolhimento institucional, modalidade de atendimento oferecida para situações de risco social e rompimento dos vínculos familiares.

Dentro da Proteção Social Especial de Alta Complexidade, para o acolhimento de crianças e adolescentes, o SUAS prevê os Serviços de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes. Conforme as Normas Técnicas dos Serviços de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (2009), os serviços de acolhimento devem estar localizados em áreas residenciais, sem distanciar-se excessivamente, do ponto de vista geográfico e socioeconômico, do contexto de origem das crianças e adolescentes. Entretanto, salvo determinação judicial em contrário, quando necessário afastamento do convívio familiar e encaminhamento para serviço de acolhimento.

A intervenção dos chamados órgãos de proteção (Conselho Tutelar, Juizado da Infância e Juventude, Ministério Público, Programas de Assistência do Governo, etc.) é garantida a qualquer criança ou adolescente que tenham seus direitos violados (abandono, maus tratos, violência física ou moral, etc.), afastando da família natural<sup>4</sup>, quando necessário, e encaminhando-a para um ambiente seguro, até que sua situação seja definida. Os serviços, sejam eles de natureza público-estatal ou não-estatal, devem pautar-se nos pressupostos do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

---

<sup>4</sup> Denominação dada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, assim como *ambiente seguro* citado neste mesmo parágrafo.

### **3. INTERSECCIONALIDADES E/OU CATEGORIAS DE ARTICULAÇÃO NO ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

A criança estava com fome. Um prato oferecido pela tia fez pensar que aquele fosse o rumo certo a seguir confiando. Aqueles olhos nervosos olhando cada detalhe da cozinha fez com que os olhares das outras crianças se voltassem para ele. Sua roupa chamava atenção também das outras crianças. Um menino magrinho com uma bermuda bem curta e com uma regata feminina verde neon. O cabelo crespo amarrado em forma de um coque no meio da cabeça deixa o povo da casa ainda mais intrigado. Os tios também. Além de olharem, ainda cochichavam. Um deles nem cochichou, disse em alto tom que essa criança teria que ser muito trabalhada com um ar de repreensão moral. A pele é preta, não diferente das outras que estavam ali. Não diferente de onde veio também. Sua cor veio de herança de seus antepassados. Mistura da pele preta de sua mãe com a de seu pai que nunca conheceu. Na cópia da sua certidão de nascimento, a paternidade está vazia. A lacuna.

\*\*\*

A interseccionalidade é uma ferramenta metodológica de pensamento sobre os marcadores sociais de diferença que nos ajuda a perceber como diferentes marcadores identitários têm impacto na forma como se ascende aos direitos e às oportunidades. Segundo Crenshaw (2002), pioneira no conceito, as interseccionalidades revelam o desafio no campo acadêmico de incluir o debate sobre a violação de direitos humanos, tendo em vista que determinados grupos da sociedade são atingidos com maior intensidade, como as violações caracterizadas pelo sexismo, racismo, cissexismo, heterossexismo, preconceito de classe e de geração. Assim sendo, lançar uma análise interseccional é atentar para as experiências completamente diferentes que os sujeitos enfrentam em suas vidas, ou ainda, que conformam o modo de se colocar e vivenciar o mundo tendo tais marcadores da diferença como balizadores das experiências (Paula, Goulart e Macedo, 2019).

Embora, Kimberlé Crenshaw ter conceituado interseccionalidade, a discussão já acontecia anteriormente através de outras feministas negras. Isabella Baumfree, nascida



em um cativo em Swartekill, mais conhecida como Sojourner Truth desde 1843, abolicionista afro-americana, escritora e ativista dos direitos da mulher, já problematizava a universalização da categoria mulher. Em seus discursos, Sojourner colocava em discussão as várias possibilidades de ser mulher, ou seja, do feminismo (branco) abdicar da estrutura universal ao falar como categoria universal levar em conta as outras intersecções, como orientação sexual, identidade de gênero, raça, etc. (Ribeiro, 2017).

Adriana Piscitelli (2008) retoma o conceito de interseccionalidade na abordagem de Crenshaw com algumas questões. O primeiro ponto é que ela apresenta uma séria fragilidade que funde a ideia de diferença com a de desigualdade. Deste modo, os marcadores como o gênero, raça e classe são pensados como sistemas de dominação, opressão e marginalização que determinam identidades, exclusivamente vinculadas aos efeitos da subordinação social e o desempoderamento. Outro ponto de objeção apontado nesta perspectiva é que nela o poder é tratado como propriedade que uns têm e outros não, e não como relação.

Brah (2006) foi uma das teóricas que fez uma releitura da interseccionalidade e apresentou em termos de “categorias de articulação”. Para Brah e Phoenix (2004) os marcadores de diferença não operam na dinâmica de um somatório e, sim, de articulação; conceituando interseccionalidade como “indicador dos complexos, irreduzíveis, variados e variáveis efeitos que resultam quando múltiplos eixos de diferenciação - econômicos, políticos, culturais, psíquicos, subjetivos, e empíricos se cruzam em contextos históricos específicos” (Brah & Phoenix, 2004, p.2). Essa ideia remete à análise de como as formas específicas de discursos sobre a diferença se constituem, são contestados, reproduzidos e (re)significados, pensando na diferença como experiência, como relação social, como subjetividade e como identidade (Piscitelli, 2008).

Carla Akotirene (2018) traz a ideia de uma de encruzilhada para pensar a interseccionalidade. Visivelmente, é mais fácil de entender a interseccionalidade, pois ela nos impulsiona em pensar que a interseccionalidade não é um somatório, algo que confunde muito as pessoas. “Em vez de somar identidades, analisa-se quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos” (Akotirene, 2018, p.39). Desta forma, parto da perspectiva interseccional para a produção de histórias, considerando a intersecção entre os marcadores sociais de

gênero, sexualidade, deficiência física e mental, raça e o da classe para lançar luz ao modo como os sujeitos são constituídos a partir de experiências diferenciadas, em um espaço discursivo, rompendo com um sujeito da experiência dado a priori (Soares, 2017).

Para a perspectiva interseccional há algumas vertentes, entretanto, este trabalho adotará a construcionista, que traça distinções entre categorias de diferenciação e sistemas de discriminação, entre diferença e desigualdade. Nessa abordagem há, por exemplo, um questionamento à fusão entre raça e racismo, considerando que nessa fusão há uma visão estática do significado da categoria raça e se trata o racismo como um sistema único (Piscitelli, 2008). Este questionamento oportuniza pensar outras possibilidades com os marcadores, não apenas com o lugar de opressão.

Pensando na minha experiência em abrigos, as crianças e adolescentes negros são mais valorizadas no esporte por fazerem parte de um estereótipo racializado de que a população negra tem um perfil mais aproveitável e chances de sucesso neste meio.

O Esporte é uma expressão cultural super potente para a construção de modelos racializados, pois através das suas experiências do corpo, cria elos significativos com as pessoas despertando paixões e desejos (conscientes e inconscientes). O Futebol é repleto de exemplos, do Guarrincha ao Neymar, modelos estéticos carregados de elementos racializadores que dão forma aos modelos idealizados de jogadores negros e brancos, principalmente no contexto do futebol profissional (Netto, 2017, s/p).

Em uma das narrativas trago uma situação similar, porém abordando a saúde mental. Ser louco acaba se constituindo um status interessante no Acolhimento Institucional. O louco é tido como uma figura de potencial econômico significante entre os acolhidos, pois costuma ter o BPC. O BPC é o benefício assistencial ao idoso e à pessoa com deficiência, seja ela física ou intelectual. Desta forma, esse valor ajuda as crianças e adolescentes com tratamentos, escolas especializadas, valor para locomoção e para o lazer. O lazer é a possibilidade de planejar durante o mês uma saída para o tão sonhado McDonalds, uma ida ao cinema ou simplesmente ter dinheiro para comprar bolacha recheada e refrigerante. Atualmente o valor do BPC é de R\$ 954,00. Desse valor, R\$ 40,00 são disponibilizados para os/as acolhidos/as usarem como quiserem sobre a supervisão de um agente educador.

Essas categorias, não necessariamente vão se destacar sozinhas. Elas podem estar articuladas com outras, como por exemplo, uma adolescente cis<sup>5</sup> ou trans negra que usa do seu gênero e a corporificação objetificada da mulher negra para se destacar dentro do abrigo em relação aos meninos heteros topzera que estão com os hormônios a mil e que vão dar Deus e o mundo para agradar a gatinha do role. Desta forma, esses exemplos ilustram a fusão que há do significado da categoria e da opressão.

---

<sup>5</sup> Pessoas cis ou cisgênero são aquelas que se identificam com o gênero e com o sexo declarado no nascimento.

#### **4. DA FICÇÃO A REALIDADE: “MINHA CABEÇA PENSA E ESCREVE A PARTIR DE ONDE MEUS PÉS ESTÃO CRAVADOS”<sup>6</sup>**

Diversas histórias fizeram parte da minha experiência como estagiário acadêmico do curso de psicologia no Acolhimento Institucional de Crianças e Adolescentes. Histórias que trazem lembranças. Lembro da minha entrevista de estágio. Lembro do meu primeiro dia no Acolhimento Institucional de Crianças e Adolescentes. Lembro da primeira vez que entrei em uma casa/AR. Lembro da primeira criança que me chamou de tio. Lembro da primeira vez que ganhei um presente de uma criança. Lembro da primeira vez que chorei. Lembro do meu primeiro erro. Lembro da primeira vez que vi uma criança ingressar no acolhimento. Lembro da primeira vez que fiquei nervoso em uma intervenção com uma acolhida. Lembro da primeira vez que eu não tinha como demonstrar em palavras o que eu estava vivendo no acolhimento para a minha supervisão acadêmica. Lembro da minha primeira discussão de caso em um CREAS. Lembro do meu primeiro medo. Lembro da minha primeira ida em um CRAS para fazer o NIS com um adolescente. Lembro da primeira vez que realizei uma visita domiciliar na casa da família de um acolhido. Lembro da primeira vez que escrevi em um PIA. Lembro da primeira vez que eu apanhei. Lembro da primeira vez que fiquei sem conseguir dormir à noite por causa do meu estágio no acolhimento. Lembro da primeira vez que saí com um acolhido sozinho. Lembro da primeira vez que acompanhei uma internação psiquiátrica de uma acolhida, assim como no primeiro dia em que a visitei. Lembro da primeira vez que acompanhei um processo de preparação para adoção. Lembro do primeiro desligamento por maioridade. Lembro da sensação de crescimento e amadurecimento dos últimos meses em que estive no acolhimento. Lembro da despedida. Lembro de tantas histórias que me tomam.

\*\*\*

---

<sup>6</sup> Frase adaptada da conversa registrada do projeto Itaú Cultural no Amarelinho, bar carioca bastante frequentado por Conceição Evaristo ao longo da vida. Conceição Evaristo cita a tese da Fernanda Felisberto ao contar sobre seu ponto de partida de sua escrita. Para assistir conversa na íntegra acessar <http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/>

#### 4.1. CONCEIÇÃO EVARISTO: UMA INSPIRAÇÃO SEM FIM

Maria da Conceição Evaristo de Brito. Esta é a grande personalidade<sup>7</sup> criadora de muitos personagens. A história dela começou em 1946. Eu não era nascido, nem a minha mãe era nascida, mas Conceição Evaristo já estava fazendo história lá em Belo Horizonte onde nasceu. Eu e Conceição Evaristo não tivemos nosso encontro de cara, não a conheci pelos seus livros, a conheci pelo que tanto se falava de Conceição Evaristo. Depois de muito ler sobre ela, eu a li. Abri o livro *Becos da Memória* e senti o impacto de sua obra antes mesmo de ler o livro. Esse é um dos motivos dessa mulher ser uma das minhas inspirações para escrever este trabalho. Maria da Conceição Evaristo de Brito. Maria. Conceição. Evaristo.

Começo a catar e pesquisar sobre a vida de Conceição Evaristo. Chego na infância. Me emociono ao ler o seu depoimento concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009,<sup>8</sup> na Faculdade de Letras da UFMG. Nesse momento fiquei me questionando e buscando entender essa conexão entre a infância de Conceição Evaristo, a de seus personagens, dos meus personagens, da minha vida e de tantas outras pessoas negras. Sua mãe. Suas mães. Pai? Conceição fala sobre seu pai, ao mesmo tempo falou do pai de muitos e muitas. Padrasto. Irmãs. Irmãos. Tias. Tios.

A ausência de um pai foi dirimida um pouco pela presença de meu padrasto, mas, sem dúvida alguma, o fato de eu ter tido duas mães suavizou muito o vazio paterno que me rondava. Aos sete anos, fui morar com a irmã mais velha de minha mãe, minha tia Maria Filomena da Silva. Ela era casada com Antonio João da Silva, o Tio Totó, viúvo de outros dois casamentos. Não tiveram filhos. Fui morar com eles, para que a minha mãe tivesse uma boca a menos para alimentar. Os dois passavam por menos necessidades, meu Tio Totó era pedreiro e minha Tia Lia, lavadeira como minha mãe. A oportunidade que eu tive para estudar surgiu muito da condição de vida, um pouco melhor, que eu desfrutava em casa dessa tia. As minhas irmãs enfrentavam dificuldades maiores (Depoimento de Conceição Evaristo concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG).

Mãe lavadeira, tia lavadeira e ainda eficientes em todos os ramos dos serviços domésticos. Cozinhar, arrumar, passar, cuidar de crianças. Também eu, desde menina, aprendi a arte de cuidar do corpo do outro. Aos oito anos surgiu meu primeiro emprego doméstico e ao longo do tempo, outros foram acontecendo. Minha passagem pelas casas das patroas foi alternada por outras atividades, como levar crianças vizinhas para escola, já que eu levava os meus irmãos. O mesmo acontecia com os deveres de casa. Ao assistir os meninos de minha casa, eu estendia essa assistência às crianças da favela, o que me rendia também uns trocadinhos. Além disso, participava com minha mãe e tia,

---

<sup>7</sup> Conceição Evaristo em suas palestras traz que não se considera esta grande personalidade, ela conta que o trabalho dela só faz sentido se outras mulheres negras estiverem junto com ela. A Conceição traz essa humildade e a força de outras mulheres negras em suas histórias.

<sup>8</sup> Texto recuperado do portal da literatura afro-brasileira da UFMG (Literafro) disponível em <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>

da lavagem, do apanhar e do entregar trouxas de roupas nas casas das patroas. Troquei também horas de tarefas domésticas nas casas de professores, por aulas particulares, por maior atenção na escola e principalmente pela possibilidade de ganhar livros, sempre didáticos, para mim, para minhas irmãs e irmãos (Depoimento de Conceição Evaristo concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG).

Conseguir algum dinheiro com os restos dos ricos, lixos depositados nos latões sobre os muros ou nas calçadas, foi um modo de sobrevivência também experimentado por nós. E no final da década de 60, quando o diário de Maria Carolina de Jesus, lançado em 58, rapidamente ressurgiu, causando comoção aos leitores das classes abastadas brasileiras, nós nos sentíamos como personagens dos relatos da autora. Como Carolina Maria de Jesus, nas ruas da cidade de São Paulo, nós conhecíamos nas de Belo Horizonte, não só o cheiro e o sabor do lixo, mas ainda, o prazer do rendimento que as sobras dos ricos podiam nos ofertar. Carentes de coisas básicas para o dia a dia, os excedentes de uns, quase sempre construídos sobre a miséria de outros, voltavam humilhantemente para as nossas mãos. Restos (Depoimento de Conceição Evaristo concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG).

Esses trechos, assim como todo o depoimento da Conceição Evaristo me geram impacto, posso dizer que é a mesma sensação dos meus primeiros dias de estágio quando tinha que ler os prontuários da vida social dos acolhidos e acolhidas dos acolhimentos institucionais por onde passei. Diante do que li da história de Conceição, se fosse hoje ela poderia ser uma acolhida por trabalho infantil e negligência. Infâncias que são entrelaçadas por marcadores parecidos, mas ao mesmo tempo tão diferentes... Uma criança negra no interior de Minas Gerais, uma criança negra em Porto Alegre, uma criança negra pobre, classe média...

Passando alguns anos, Conceição Evaristo migrou para o Rio de Janeiro na década de 70, se formou em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro no ano de 1990; foi professora da rede pública; teve seu título de Mestre em Letras na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 1996; em 2011 o título de Doutora na Universidade Federal Fluminense. Atualmente, Conceição Evaristo é, sem dúvidas, um dos maiores nomes da literatura negra-brasileira, digo mais, ela é um dos grandes nomes da literatura brasileira. Em suas histórias assume sem pudor a presença da ficção salientando que “as histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas” (Evaristo, 2017). Para, além disso, seus contos e ensaios trazem consigo as marcas da sua subjetivação acerca seus marcadores sociais das diferenças e os que ecoam em seu entorno. Em um dos seus escritos, Conceição Evaristo afirma que:

O que caracteriza uma literatura negra não é somente a cor da pele ou as origens étnicas do escritor, mas a maneira como ele vai viver em si a condição e a aventura de ser um negro escritor. Não podemos deixar de considerar que a experiência negra numa sociedade definida, arrumada e orientada por valores brancos é pessoal e intransferível. E, se há um comprometimento entre o fazer literário do escritor e essa experiência

peçoal, singular, única, se ele se faz enunciar enunciando essa vivência negra, marcando ideologicamente o seu espaço, a sua presença, a sua escolha por uma fala afirmativa, de um discurso outro – diferente e diferenciador do discurso institucionalizado sobre o negro – podemos ler em sua criação referências de uma literatura negra (Evaristo, s/a, p.5).

A autora conta que não pensou na Escrivivência como um conceito, porém entende a dimensão da popularização que seu processo de escrita se tornou. Ela conclui que “A nossa ‘escrivivência’ conta as nossas histórias a partir das nossas perspectivas, é uma escrita que se dá colada à nossa vivência, seja particular ou coletiva, justamente para acordar os da Casa Grande” (Evaristo, 2017). Nesse trabalho, meu objetivo não é fazer escrevivências, pois não fui uma criança abrigada ou que tenha a vivência ser uma criança de abrigo. A minha ótica sobre o Acolhimento Institucional de Crianças e Adolescentes é outra. Contudo, não posso ignorar a influência da autora nas minhas narrativas. Afirmo e reafirmo que a oralidade que este trabalho transborda surge da inspiração desta mulher. Este trabalho apesar de fugir de um certo formalismo do texto acadêmico, ele é acadêmico. Eu uso da escrita ficcional como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. Investir em histórias ficcionais interseccionais é ampliar as lentes e deixar passar pelas brechas da academia muitas vidas. Entretanto, não é somente a Conceição Evaristo que eu tomo como inspiração, outra autora que traz consigo a literatura implicada com pautas políticas e que articulam questões de identidade e gênero, é a nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie.

## 4.2. CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE: UM AMOR A PRIMEIRA VISTA

Nunca vou esquecer daquela noite que abri o primeiro livro que li da Chimamanda, *Americanah*<sup>9</sup>. Lembro do dia que a minha amiga Liliana ganhou ele de presente de aniversário, eu estava lá e testemunhei a minha cobiça de querer ler aquele livro. Ela mal pegou no livro e eu gritei: “*Eu vou ser o segundo a ler*”. Se não me engano eu fui o terceiro ou quarto. Um dia vou superar isso. *Viu Liliana?* Esse livro estava em alta entre o meu grupo de amigos, a gente estava louco que todos lessem para que a gente pudesse discutir. Eu me recordo de uma discussão que foi marcante e que me fez refletir muito sobre a identidade de muitas crianças negras sobre os personagens infantis. Nós, adultos, tivemos dificuldades de conseguir ler o livro e conseguir imaginar os personagens como negros e negras, sobretudo em um lugar negro. Parecia que o nosso cérebro estava configurado para não enxergar personagens negros em uma história que o lugar do negro é lendo livros, fazendo faculdade, vivendo um romance entre outros cenários. Isso com certeza foi muito marcante.

Sem dúvidas, foi neste livro que eu simplesmente me apaixonei pela Chimamanda. O título do livro *Americanah* é um termo que se refere aos nigerianos que viajam aos Estados Unidos para estudar ou morar e quando retornam para o seu país acabam demonstrando “estranhas afetações”, eles viram um ou uma *americanah*. Traduzindo para o nosso bom e velho português brasileiro, traduziríamos o *americanah* como a pessoa que vai morar e estudar no exterior e volta metida. Quando eu fui morar em Portugal, no período de mobilidade acadêmica internacional da graduação de psicologia, eu me lembrava muito desse livro no dia a dia. Eu ficava me questionando se eu seria um *Portugah* ou *Europah* no meu retorno para o Brasil. É realmente difícil, tu volta querendo contar todas as experiências incríveis que tu viveu, querendo compartilhar

---

<sup>9</sup> “Uma história épica de amor e de imigração, um romance arrebatador da premiada autora de *Meio sol amarelo*. Lagos, anos 1990. Enquanto Ifemelu e Obinze vivem o idílio do primeiro amor, a Nigéria enfrenta tempos sombrios sob um governo militar. Em busca de alternativas às universidades nacionais, paralisadas por sucessivas greves, a jovem Ifemelu muda-se para os Estados Unidos. Ao mesmo tempo que se destaca no meio acadêmico, ela depara pela primeira vez com a questão racial e com as agruras da vida de imigrante, mulher e negra. Quinze anos mais tarde, Ifemelu é uma blogueira aclamada nos Estados Unidos, mas o tempo e o sucesso não atenuaram o apego à sua terra natal, tampouco anularam sua ligação com Obinze. Quando ela volta para a Nigéria, terá de encontrar seu lugar num país muito diferente do que deixou e na vida de seu companheiro de adolescência. Principal autora nigeriana de sua geração e uma das mais destacadas da cena literária internacional, Chimamanda Ngozi Adichie parte de uma história de amor para debater questões prementes e universais como imigração, preconceito racial e desigualdade de gênero. Bem-humorado, sagaz e implacável, *Americanah* é, além de seu romance mais arrebatador, um épico contemporâneo” Sinopse do livro recuperado de <https://www.amazon.com.br/Americanah-Chimamanda-Ngozi-Adichie-ebook/dp/B00MYFO08I>



tudinho. Tu volta com umas roupas diferentes, quando te perguntam onde tu comprou e tu diz: em Paris, é realmente muito difícil uma pessoa não achar que tu está se sentindo. Às vezes, tu está se sentindo mesmo. Na minha volta eu tive muito esse cuidado. Fica a minha dica: leiam esse livro, ele é incrível, assim como todos os livros da Chimamanda.

Não posso deixar de citar a participação babadeira da Chimamanda na música “*Flawless*”<sup>10</sup> do quinto álbum de estúdio da Beyoncé (2013) com um trecho de sua palestra “Sejamos Todos Feministas” (que foi transformada também em livro). Este vídeo hoje possui mais de 80 milhões de visualizações na plataforma YouTube. O feminismo negro é um dos principais temas que percorrem as escritas e discursos da autora. Nascida em 1977, Chimamanda é um exemplo da poderosa voz feminina que se destaca na cena atual literária do continente Africano.

Em uma das suas falas para o TED<sup>11</sup>, *The danger of a single story* (O perigo da única história), Chimamanda conta de sua experiência de leitura desde a infância. Advinda de uma família intelectual, começou a escrever e foi influenciada pelos livros infantis que lia. Suas histórias refletiam as histórias de vida dos livros britânicos e americanos. Neve e divagações sobre o tempo era frequentes em seus contos, sendo que a Nigéria não precisava falar do tempo, pois nunca era necessário. Assim como, a neve é uma realidade climática inviável para o país da Nigéria. Chimamanda conta também que descobriu sua identidade como africana e negra quando foi morar nos Estados Unidos da América com 19 anos. Ao se deparar com o preconceito e na busca de combater esse estranhamento, a autora decidiu mostrar um outro lado da África em seus livros, além de usá-los como forma de reafirmar sua identidade como mulher, negra e africana. Chimamanda Adichie assume uma posição política em todos os seus livros, buscando romper com estereótipos e trazer visibilidade para as mulheres, negras e africanas.

Chimamanda Adichie incorpora o discurso da diferença e se vale do pertencimento a ela para expor momentos de discussão. Assim, pela compreensão própria de seu universo (de diáspora, de exclusão pelo Ocidente, de conhecimento e reconhecimento de seu lugar), a escritora traz diversas histórias de representação e com intento pela conscientização da urgência da busca pelo conhecimento, pelo entendimento do ‘outro’ e de outros lugares. Enfatiza a fuga do paradigma, do senso comum, da informação pronta, da história única sobre qualquer pessoa, lugar ou aspecto (Alves e Almeida, 2011, p.7).

---

<sup>10</sup> Na tradução para o português, *Flawless* pode ser entendido como perfeita, sem falhas, impecável.

<sup>11</sup> TED (Technology; Entertainment; Design) é uma série de conferências realizadas na Europa, na Ásia e nas Américas pela fundação Sapling, dos Estados Unidos, sem fins lucrativos, destinadas à disseminação de ideias – segundo as palavras da própria organização, “ideias que merecem ser disseminadas”.

O segundo livro da Chimamanda que eu devorei foi *The Thing Around Your Neck* (No Seu Pescoço). Se em *Americanah* eu já estava apaixonado, neste eu já estava em um nível bem mais avançado. Esse livro eu ganhei de aniversário do meu moção, foi duplamente apaixonante. No Seu Pescoço, a autora tem uma seleção de doze contos onde ela reúne protagonistas mulheres e homens nigerianos para fazer questionamentos sobre opressões, machismo, racismo e nacionalismo.

Confesso, que ao escrever as minhas narrativas, esse livro foi a maior inspiração que eu tive. A Chimamanda trabalha muito bem em seus contos os marcadores sociais da diferença, a escrita dela me impulsionava a pensar a interseccionalidade. Assim como ela foi o meu dispositivo para pensar as histórias que acontecem dentro dos abrigos, pois lá não têm uma única história. A ficção foi essa ponte para chegar neste fim. Chimamanda trabalha em suas histórias a partir da ficção:

a ficção é muito mais honesta do que a não ficção. Sei, da minha experiência limitada na escrita de não ficção, que no processo de escrita estou constantemente a lidar com diferentes níveis de autocensura, de proteção de pessoas que amo. Quando escrevo ficção, não penso em nada disso. A honestidade radical é possível (Adichie, 2018, s/p).

Desta forma, incorporo a Chimamanda que habita dentro de mim para escrever as narrativas interseccionalmente. Olho ao meu redor e penso o que é possível escrever, não quero que meu texto se aproxime muito da realidade, muito menos quero que ele fique longe. Quero o meio termo, neste caso ele é a ficção. É invenção. Podemos dizer que produzir dados em uma pesquisa é um exercício de invenção. Aqui as minhas narrativas são meus dados e tudo faz parte de uma baita gambiarra.

### **4.3. JUNTANDO AS HISTÓRIAS E FAZENDO UMA BAITA GAMBIARRA**

Metodologia! Vamos falar de metodologia? – (risos). Já estávamos falando disso, bobinho e bobinha. Sim, eu disse que isso ia ser uma gambiarra. Desta forma, já estava trabalhando na minha metodologia. É um enrosco. Um enrosco bom. Gosto de pensar em um encontro, esses às escuras, que por um lado temos a arte, sentada em um restaurante, pediu um drink e está esperando aquela pessoa chegar para o *date*. Então chega ela, a Psicologia Social, um campo de produção científica. Deste encontro, conversa vai e conversa vem, e dá *match*! Desse *match*, cria-se a possibilidade de pensar novas estratégias de articulação com seu campo que dão passagem a problematizações antes impossibilitadas pelas normatizações do saber formalizado da ciência estrita. Ao mesmo tempo, a Psicologia Social, que era mais “conservadorinha” perde em formalização e generalização, sendo uma área de conhecimento menos afeita a classificações categoriais, medidas objetivas e descrições precisas (Costa, 2014).

Digamos que desse relacionamento, a ficção entra como um dos frutos da união entre ciência e arte. Conforme o dicionário Aurélio, em uma das definições, a ficção é a criação de caráter artístico, baseada na imaginação, mesmo se idealizada, a partir de dados reais. Nas palavras de Luis Artur Costa (2014)

reinventando nossa realidade independente dos estados de coisas referentes, podemos torná-la ainda mais real, mais complexa, densa e intensa ao intrincar suas tramas com novas possibilidades de relação. A ficção fia mundos onde a confiança ultrapassa a fidedignidade sem perder realidade (Costa, 2014, p.553).

No seu texto problematiza as possibilidades das políticas de hibridização entre as estratégias de produção de conhecimento das ciências e das artes.

Neste trabalho, este encontro se caracteriza nas narrativas inspiradas em contos literários da Conceição Evaristo e Chimamanda Ngozi Adichie. As autoras não escrevem sobre acolhimento institucional de crianças e adolescentes, tampouco seus livros são sobre o campo científico da psicologia, entretanto, eles nos auxiliam a pensar o conceito de interseccionalidade.

Lissandra Soares e Paula Machado (2017) apresentaram o conceito de Conceição Evaristo denominada "Escrevivências" como uma possível ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. As autoras conseguiram, a partir da

inspiração da Conceição Evaristo, transformar a Escrevivência em método de investigação, de produção de conhecimento e de posicionalidade implicada. Neste sentido, a Escrevivência se presta a uma subversão da produção de conhecimento, pois, além de introduzir uma fissura de caráter eminentemente artístico na escrita científica, apresenta-se por meio da entoação de vozes de mulheres subalternas e de sua posicionalidade na narração da sua própria existência.

Artur Gomes de Almeida (2018), formado no curso de psicologia da UFRGS no ano de 2018, não obstante, utilizou Escrevivências, também a partir de Conceição Evaristo, para apresentar a sua própria vivência como aluno cotista negro do curso de Psicologia em uma universidade federal em seu trabalho de conclusão de curso (TCC). Ademais, o autor busca apresentar no trabalho suas impressões, dificuldades e facilidades enfrentadas no decorrer do curso. A relação do autor com as escrevivências da Conceição Evaristo é exatamente o que ela nos diz. Artur Gomes de Almeida usa as escrevivências para contar a sua história; histórias com o objetivo de “acordar os da Casa Grande”.

Temos aqui duas perspectivas diferentes sobre o conceito de Conceição Evaristo. Na visão da autora não existe nada que não possa ser feito, a autora é muito humilde quando fala sobre a possibilidade de escrita de uma escrevivência, mas deixa evidente da subjetividade que se carrega ao escrever uma escrevivência.

Não é que o homem não possa escrever sobre a mulher. Pode. Não é que o branco não possa escrever sobre o negro. Pode. Mas quando esse discurso falado ou escrito carrega a nossa subjetividade, justamente porque ele nasce num lugar social, num lugar de gênero, num lugar racial diferente, ele traz determinadas peculiaridades que aquele que escreve de fora, por mais que seja competente do ponto de vista intelectual ou emocional, não vai trazer. Ele não traz uma carga de quem escreve de dentro. Aqui não tem nenhum juízo de valor, de querer dizer qual texto é mais bonito. Não é isso não. Mas trata-se de apontar esse local diferente onde esse discurso nasce e é desenvolvido (Evaristo, 2018).

No meu trabalho não assumo as escrevivências como método, como explicado anteriormente, minha interpretação sobre o conceito em relação ao acolhimento, é que não sou uma criança de abrigo. Esse não é meu lugar de fala. A minha experiência fala de outro lugar. Desta forma, não tomo meu trabalho como tal. Entretanto, a escrita da Evaristo apresenta a brasilidade inspiradora que meu trabalho precisa. Para “abrasileirar” é preciso descolonizar.

Durante a escrita deste trabalho, recebi algumas indicações de leituras que colaborariam com o que eu estava pretendendo, como por exemplo, Walter Benjamin, Michel

Foucault, Judith Butler entre outros/as teóricos/as. No entanto, eu escolhi dar destaque a brasilidade, abraçar este trabalho o máximo que eu pudesse. Busquei fugir de um trabalho munido de referências colonizadoras. Aqui, a preocupação não é desmerecer teóricos pela sua região geopolítica, meu objetivo é questionar a tendência da desvalorização de saberes e conhecimentos de povos “colonizados” e das chamadas sociedades periféricas (Omidire, 2018).

Neste contexto, falar sobre o pós-colonial, enquanto espaço problema, é uma chamada de atenção para a persistência de narrativas e concepções originadas no passado e que se mantêm no presente de forma imutável. Conceitualmente, o pós-colonial não é sinónimo do final do colonialismo, sob a forma do terminus de regimes formais ou de conjuntos de instituições; pelo contrário, ele aponta para um empenho crítico com as consequências actuais – intelectuais e sociais – de séculos de ‘expansões’ ocidentais no mundo colonizado, contestando a naturalização e a despolitização do mundo. Por outras palavras, o pós-colonial tem por objectivo analisar as limitações, incompletudes e ausências do processo de ‘descolonização’, ao mesmo tempo que aponta possibilidades de resistência e de superação dos excessos e despojos da relação colonial (Meneses, 2010, p. 11).

Pensei muito na Lélia Gonzalez, do linguajar político que ela assumia em seus textos e falas. Lélia levava para o mundo este posicionamento, como gostava de chamar, o seu “pretuguês”. Lélia é o exemplo que busquei para escrever academicamente para academia. A oralidade aqui tem sua presença marcada. O uso do registro informal da língua pode ser interpretado como uma tentativa de validar o repertório oral da cultura negro-brasileira enquanto recurso estético e epistêmico no campo da literatura nacional (Silva, 2018). Isso faz lembrar das visitas que realizei ao texto *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira* (Gonzalez, 1983), pois esse é para mim o maior exemplo da inspiração para justificar o porquê de tudo isso. Lélia Gonzalez é esse exemplo. Ela foi uma pessoa inspiradora. Sem dúvida, foi a responsável pela introdução do debate sobre o racismo nas universidades brasileiras. Lélia foi também referência, não só da luta negra como também da luta feminista no Brasil e no exterior. Este trabalho tem um pedacinho de Lélia de Almeida Gonzalez, tem o posicionamento político estético descolonizado.

Esse jogo da oralidade e descolonização, me faz voltar muito no tempo e lembrar do Lima Barreto, ou melhor, Afonso Henriques de Lima Barreto. Nascido no ano de 1881, lacrou historicamente com sua ousadia e sua literatura tida como “problema”. Lima Barreto trazia consigo a comunicação popular, a oralidade, adotadas intencionalmente, em relação à gramática dos “eruditos”; como também usava-se da sua literatura para

apontar questões sociais e sua visão de mundo. Lima Barreto foi um autor negro e rebelde que nunca esqueceu sua classe, sua cor, sua origem. Não diferente da vida de outros negros foi internado em um manicômio, foi alcoolista e morreu muito jovem com apenas 41 anos (Pardal, 2016). É como Elza Soares retrata em suas canções, especificamente, na música *A Carne* (2002)<sup>12</sup> que é uma das narrativas mais certeiras para falar da vida da população negra neste país. A carne negra que vai de graça pro presídio, debaixo do plástico, vai de graça pro subemprego e pros hospitais psiquiátricos, que segura esse país no braço, não se sente revoltado porque o revólver já está engatilhado, que tem a carne mais barata do mercado.

Precisamos contar essas histórias. Precisamos exaltar a nossa cultura. Precisamos mostrar para mundo quem foi/é Lélia Gonzalez, Lima Barreto, Elza Soares, Beyoncé, Chimamanda, Conceição Evaristo. Precisamos contar histórias. As histórias de pessoas que estão inscritas numa trama de relações de poder fortemente hierarquizada e caracterizada pelo sexismo, racismo, cissexismo, heterossexismo, preconceito de classe e muitos outros. As histórias não são únicas, já diria a Chimamanda. Precisamos contar histórias.

Retomando a Conceição Evaristo, sem dúvidas, hoje é uma das maiores figuras que representam o Brasil, América Latina e a literatura afro-brasileira. Entretanto, a autora problematiza o porquê e que regras são essas que ela com um trabalho potente foi ser conhecida somente agora com 71 anos. Em entrevista à BBC (2018) Conceição Evaristo conta que sua primeira obra *Becos da Memória*, ficou guardada durante 20 anos. Foram anos enviando para editoras e com retornos sem sucesso. A autora discute que a autoria negra não é bem aceita, carrega a nossa subjetividade na própria narrativa. A temática negra, principalmente quando trabalha com identidade negra, não é muito bem aceita. Autora traz também discute a questão da meritocracia e o quão os exemplos de pessoas negras que acabam se constituindo em uma exceção são perigosos. Conceição Evaristo discute que o imaginário de que, se a pessoa estudar, trabalhar, se esforçar, ela consegue. É mentira. Conceição é a prova disso. A nossa história é repleta de histórias mal sucedidas fruto do racismo.

---

<sup>12</sup> A carne é um dos sucessos do álbum *Do cóccix até o pescoço* (2002), cuja letra fala sobre a questão racial no Brasil. Disponível na plataforma YouTube pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=yktrUMoc1Xw>

Acredito que por um desses motivos chamo esse trabalho de gambiarra. Para Fernanda Bruno (2017)

Além da extensão elétrica clandestina, muito comum nas favelas do Rio de Janeiro e em comunidades de baixa renda no Brasil e no mundo afora, gambiarra também significa a prática cotidiana de solucionar um problema ou de reparar de forma improvisada e ágil um objeto quebrado ou que não funciona bem, normalmente acoplando-o a partes de outros objetos que se têm à mão (Bruno, 2017, p. 137).

Talvez aqui não seja um problema a ser solucionado, mas uma questão limitadora metodológica do que pode ou não fazer. A escrita nos moldes formais é limitadora. Não quero reproduzir uma espécie de fordismo acadêmico. Limitadora, porém, não para este trabalho. Sem limites. A linguagem oralizada é um exemplo disso. Durante o processo de escrita, foi político manter a linguagem oralizada e principalmente do abrigo nas narrativas. Em alguns momentos, o leitor pode se deparar com expressões cotidianas do acolhimento, como por exemplo, “*desorganização*”. A desorganização é um grande efeito da psicologização da vida no acolhimento institucional. Desorganização é uma palavra muito usada neste ambiente. Ela chega para substituir no politicamente correto o *surto*. Era muito comum, algumas pessoas ainda dizem, que fulaninho está em surto. “Chama a/o psicóloga/o que fulaninho ou fulaninha está surtando” ou Chama a/o enfermeira/o que fulaninho ou fulaninha está surtando”.

“Mãe solteira” é outro exemplo. Sabemos que existem discussões feministas que vão marcar que mãe não é estado civil. O termo mais adequado é mãe solo. Escrever “mãe solteira” pode suscitar estranheza no leitor (ou não), mas o fato é que eu quero causar esse incômodo de ali estar mãe solteira, pois é meu incômodo diário dessas e de muitas palavras e frases que carregam consigo formas de opressões à acolhidos/as e suas famílias e que está muito presente no contexto do acolhimento. Desta forma, afirmo que a presença dessas palavras e frases são importantes. Assim como “a mãe que troca de companheiro toda hora”, “mãe prostituta”, entre outras frases e sentenças que carregam consigo produções subjetificantes. São expressões do cotidiano, e estarão no texto mesmo que você não as entenda. São parte de um território e que não precisam ser 100% entendidas...

Tio Léo? Sim. Eu sou o tio Léo em alguns abrigos, outras casas eu sou só o Léo, em outra instituição já fui chamado de senhor, poucas vezes psicólogo Léo. Casa? Sim. As crianças e adolescentes tem esse vocabulário próprio. Durante o meu processo de escrita

eu dividi com algumas pessoas o que eu estava produzindo e estas questões foram surgindo, decidi escrever sobre isto. Passei por alguns abrigos/casas, outros espaços e fui sendo nomeado por onde passei. Chegava a ser engraçado, umas pessoas bem mais velhas que eu, me chamavam de tio Léo. Nos primeiros momentos, era engraçado, depois me acostumei, acabei naturalizando estas questões.

Dessa forma, eu quero que o leitor esteja ainda mais próximo do Acolhimento Institucional de Crianças e Adolescentes. Quero que as narrativas sejam uma narrativa-imagem. Eu busco ativar o imaginário dos leitores. Quero que uma pessoa que nunca foi em um abrigo comece a criar a cena em sua cabeça. Que os personagens criem vida, mesmo que na cabeça de cada leitor e leitora. Essa é a narrativa-imagem que estou dizendo. Não sei se isso tem um outro significado na literatura, mas pra mim é isso.



## 5. NARRATIVAS: “NADA DO QUE ESTÁ NARRADO É MENTIRA, NADA DO QUE ESTÁ NARRADO É VERDADE”<sup>13</sup>

Aquela família que não é família. Mora todo mundo junto, almoça todo mundo junto, janta todo mundo junto. Tio. Tia. Tios. Tias. Tio da manhã, tio da tarde, tio da noite, tia do dia, tia da tarde, tia noite. Tio da psicologia. Tia da cozinha. Tia dos remédios. Tia da combi. Tio da van. Tia da casa. A juíza e o juiz. O promotor e a promotora. O defensor e a defensora pública. Os Dias. Dia da visita. Dia da ligação. Dia do kit. Dia de evasão. Dia de baile. “*Tio, me dá um real*”. “*Tio, me dá um salgadinho*”. “*Tio, me dá um tênis Nike*”. Dias felizes, dias tristes, dias marcantes. Dia dos voluntários. Dia de assembleia. Dia de cortar o cabelo. Dia do surto. “*Tô surtando!!! Eu vou quebrar tudo!*” CHAMA A SAMUUUUU! Hora de se acalmar. Dias. Dia da família na escola. Dias e mais dias. Dia do Caps. Dia da psicóloga. Dia da madrinha. Dia do evangelho. – Não era laico? – Dia de LA. Dia da médica. Dia do reforço. Dia dos padrinhos e madrinhas. “*Senhor médico, acho que ele tem TDHA, ele é muito agitado*”. Dia da ligação. Dia de confusão. Ritalina. Dia do kit. Dia de passeio. Risperidona. Dia do dentista. “*Tio, me dá tua mão?*”. Dia de corre. Dia de Ácido valproico. Dia de rolê. Dia de dar *close*, bebê. Dia de fortes emoções. Dia da AT. Dia de Respirar. “*Ele está desorganizado, alguém pode medicá-lo?*”. Quero BPC! Dia de alguém novo, um novo velho. DECA! Dia de ir para não voltar. Dia de se fazer o que estava planejado. Isso existe? Um baseado. Ops! Esse não pode. Dia de ir para voltar sem saber que ia voltar. Dia de chorar, não disse porquê, rs. Foto para o PIA, olha o passarinho! Tchutchatchutchutchutcha. Desligamento. Audiência. Oitiva. Internação. Organização. Desorganização. Haloperidol. Experiência familiar. Adoção. Emoção. Festa! Voluntários. Mais uma festa! Faz um B.O.! Faz outro B.O.! Por vias de dúvida, só mais um B.O.! AAAAAAAAAAAAAAAAAA.

\*\*\*

---

<sup>13</sup> Frase adaptada de Conceição Evaristo ao contar sobre a presença da ficção em suas histórias “as histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas” (Evaristo, 2017).

### **5.1. BOA MÃE, PORÉM, PROSTITUTA**

Reunião de rede. Estávamos em quatro serviços, representantes do acolhimento institucional, CREAS, UBS e o CT. A família é acompanhada pela rede desde 2006 quando a mãe se vinculou aos programas do CREAS. A mãe também tem vínculo forte com a UBS devido ao tratamento do HIV.

Elza é uma mulher negra de 33 anos moradora da periferia da zona norte de Porto Alegre. É mãe de cinco crianças, quatro meninas e um menino. Elza é mãe solteira; sofria violência doméstica do seu último companheiro (pai do filho mais novo). O pai das três meninas do meio faleceu devido ao envolvimento com o tráfico de drogas. O pai da mais velha, assim que soube que Elza estava grávida foi embora para o interior do Rio Grande do Sul e nunca mais a procurou.

Em 2010, o CT recebeu uma denúncia que Elza saía todas as noites para se prostituir no matagal da avenida principal do bairro e voltava de manhã cedo deixando as crianças aos cuidados da irmã mais velha, com 12 anos. O CT, diante da denúncia e verificando que as informações eram verdadeiras, solicitou acolhimento emergencial do grupo de irmãos.

As quatro meninas e o menino mais novo já estavam no acolhimento há cinco meses, quando o AI sugeriu uma reunião de rede no território para discutir o caso da família e estudar uma futura experiência familiar. Todos os serviços, inclusive o AI tinha como indiscutível o vínculo e cuidado que a mãe tinha por suas filhas e filho. Durante o acolhimento, a mãe não faltou nenhuma visita e realizou todas as combinações feitas com o abrigo. O CREAS também apontou que a mãe não media esforços para ter suas filhas e filho de volta; sempre era uma das primeiras a chegar no serviço para buscar passagem e realizar as visitas.

A mãe conseguiu combinar com uma prima que mora próximo em passar as noites com suas crianças durante o período em que trabalha; junto ao CREAS conseguiu vaga na creche comunitária para suas crianças menores e serviço de convivência para as três maiores no horário inverso de aula. Entretanto, os serviços discutiam e indagavam: “mas ela ainda está se prostituindo”; “Ela ainda chama isso de trabalho”; “Eu não quero ser preconceituosa, mas com a mãe se prostituindo não dá para essas crianças irem para casa”; “É uma mãe boa com grande potencial, mas ainda está se prostituindo”; “É uma

mãe que tem toda capacidade de ter um futuro, mas ela escolheu a prostituição”; “Qual será o futuro dessas crianças?”.

## 5.2. BICHA PRETA DE ABRIGO

Começo de tarde, todos acabavam de almoçar, cada um foi para o seu quarto para hora do descanso. Lázaro (14 anos) estava na sua cama; a cama de baixo do beliche, com seus outros quatro colegas de quarto. Foi neste momento que os educadores precisaram intervir: o barulho indicava que alguém brigava. Dois meninos estavam batendo em Lázaro. Os educadores pareciam estar familiarizados com aquela cena. Abriram a porta e indagaram: “tu não consegues ficar mesmo no quarto com os meninos né, Lázaro. Vamos para a sala!”.

Lázaro é um menino muito introspectivo, gosta muito de ler, conversar e brincar com as meninas da casa. É negro, tem um *Black Power* lindo, bem desenhado na cabeça. Ele diz que o sonho dele é ser psicólogo ou professor de português. Lázaro ingressou no acolhimento há três anos. O motivo foi negligência e maus tratos por parte do pai; sua mãe faleceu quando ele tinha nove anos. Ele sempre fala que a única pessoa que entendia seu modo de ser era sua mãe e que sente uma enorme saudade dela, às vezes durante a noite ele chora lembrando da mãe. No início do acolhimento isso era mais frequente.

Apesar do Lázaro gostar muito de estudar, ele não gosta de ir para aula. Também não gosta de dividir o quarto com os meninos da casa do abrigo. Ele sempre fala para equipe técnica que quer dormir no quarto das meninas. A equipe acolhia o pedido, mas sempre retomava com ele as regras da casa, que ele era um menino e sendo assim, deveria ficar com outros meninos da sua idade. Era visível que isso causava um sofrimento nele, estar naquele quarto era uma dor, como ele mesmo gostava de falar. Sobre a escola, ele sempre perguntava se não podia estudar só em casa, se algum voluntário não podia dar aulas para ele no abrigo. Algumas meninas da casa já tinham nos informado que o apelido do Lázaro na escola era *bicha preta de abrigo*.

Algumas semanas depois do episódio do quarto, três meninos bateram novamente em Lázaro no pátio de trás da casa. Uma educadora diante da situação diz: “Viu, não quer ser macho, vai viver apanhando”. Este momento parecia o ápice do sofrimento do Lázaro, ele de joelhos no chão, olhava para cima e dizia: “Minha vida é uma escola 24 horas por dia, eu não aguento mais apanhar, eu não aguento mais ser chamado de bicha por todo canto que eu vou, não aguento mais que falem do meu cabelo, eu não aguento mais viver assim...”.

### **5.3. MEU SALÁRIO, MINHAS REGRAS**

Quinto dia útil. Depois de um mês de ralar, matando um leão por dia, ali chegava finalmente o dia de receber o salário do Jovem Aprendiz. Era metade de um salário mínimo, mas para Linn parecia uma baita grana. No abrigo da Linn e da Monique a regra é absoluta: todo dinheiro que um acolhido ganhar através de estágio, metade dele pode ser gastos durante o mês com o que quiser e a outra metade vai para a poupança.

Monique é uma menina que destoa dos outros acolhidos do abrigo; branca e de classe média; estava no abrigo há quase sete meses. Porém, não era a primeira vez que Monique estivera no acolhimento institucional. Ela foi acolhida pela primeira vez com dois anos e foi para família substituta com três anos e meio. Após quase treze anos retorna ao acolhimento. A mãe foi atropelada e acabou falecendo e o pai não conseguiu lidar emocionalmente com a morte da mãe: teve forte crise de depressão e se suicidou dois meses depois que a esposa morreu. Monique tinha dois irmãos, que eram filhos biológicos dos pais adotivos. Quando a mãe e o pai faleceram, a família extensa só quis ficar com os filhos biológicos, resultando no acolhimento de Monique. Três vínculos comunitários da Monique estavam tentando a guarda dela. Uma delas era uma professora da escola particular em que a Monique estudava. A outra era uma amiga da mãe da acolhida. E, por fim, um casal, pais de uma colega de escola da Monique. O judiciário está avaliando ainda os pedidos de guarda. Ela ficou com uma pensão pelo falecimento dos pais, como também ganhou um valor do seguro de vida deles.

Linn, mais conhecida como Linn da Quebrada, é uma menina trans. Negra. Transfeminista. Articulada. Linn é de coletivo negro também e está sempre na luta. Ela já evadiu diversas vezes para ir em protestos no centro da cidade. Ela ingressou no abrigo com sete anos. Entrou com registro de menino, continuou por muito tempo sendo tratada por menino, sofreu muito no abrigo e ainda sofre. Com dezesseis anos, com nome retificado na sua carteira de identidade, Linn ainda continua sendo chamada por nome masculino no abrigo pelos acolhidos e trabalhadores do serviço de acolhimento. Linn ingressou no acolhimento por maus tratos e negligência pelos pais; apanhou muito por ser afeminada. O CT conseguiu identificar a família e acabou indicando acolhimento para a menina. O pai depois do ingresso da Linn no abrigo, o pai de Linn não quis mais saber dela em casa. A mãe da Linn foi visitá-la algumas vezes, porém

depois que ela começou a se identificar como uma mulher trans, a mãe nunca mais quis contato com a acolhida.

As meninas eram melhores amigas no acolhimento. Elas não estudavam juntas, Monique continuou na escola particular que estudava. Estava conseguindo pagar metade da mensalidade, pois depois do acontecido com seus pais, ganhou uma bolsa parcial. Linn sempre estudou em escola pública. Porém, elas além de dividirem casa, faziam o estágio do Jovem Aprendiz juntas em um banco público do estado do Rio Grande do Sul. O abrigo é quem gerencia as contas bancárias dos acolhidos e acolhidas, o cartão fica com a responsável do abrigo e quando eles querem dinheiro para algo, eles têm que pedir no mínimo três dias antes para o abrigo se organizar e sacar o dinheiro e entregar para eles. Foi naquela sexta-feira, quinto dia útil do mês de novembro que elas decidiram fazer diferente. Elas faziam estágio no banco, sabiam todos os trâmites e também sabiam que não precisariam do cartão para sacar o dinheiro da conta delas, era só irem com a identidade até o caixa do banco e tirar o dinheiro. Foi isso que elas fizeram, tiraram o dinheiro, foram para o shopping, compraram umas roupinhas e foram para a casa de uma amiga da Linn com os “kit” e foram curtir um pagode a noite toda. Eram oito horas da manhã quando elas chegaram de Uber no abrigo. Com sorriso de orelha a orelha.

#### **5.4. E SE O NOME DESSA RUA FOSSE BEYONCÉ?**

Esse foi sem dúvida um dos diálogos mais interessantes que eu já tive no abrigo. Eu estava acompanhando duas crianças ao CAPSi, pois elas teriam o grupo terapêutico, assim como todas as quartas-feiras pela manhã. Geralmente os/as educadores/as levam os acolhidos/as aos atendimentos, desta vez, a educadora que estava responsável acabou tendo outras demandas e aí fui convocado a ir. Fomos de van, a van do abrigo, a famosa van branca do tio Gil que circula por tudo. Confesso que naquela manhã eu estava mais pra lá do que pra cá, passei a madrugada fazendo uns trabalhos da faculdade, então eu estava bem sonolento, mas algo mudou.

O abrigo fica em um bairro distante da zona central de Porto Alegre, na verdade ele fica quase em outra cidade, no extremo sul. A localização da casa é mais ou menos uns quinze minutos da faixa central do bairro onde passa ônibus, a famosa faixa preta. Neste percurso até a faixa preta, o caminho todo é de chão batido, terra (em dias de chuva aquilo é uma loucura). Essa rua ela não tinha nome, no endereço está acesso 22, mas na verdade, ela é conhecida como a rua do abrigo. Isso é nome de rua por acaso?

Assim que entramos na van, eu já me despertei, não tinha como não se despertar. A Lupita, menina de sete anos e neurotípica, me bombardeou de perguntas (o que acontece com bastante frequência). O Rincon, menino de 11 anos e autista, também começou a me fazer várias perguntas. Confesso que as perguntas eram tão elaboradas que eu nem sabia responder aquilo. Um dia desses ele me perguntou umas coisas de tabela periódica que pra eu responder eu tive que abrir o Google. Rincon é um menino negro e gay. Ele não tem pudor nenhum de dizer que gosta de meninos e de se assumir como homossexual. Lembro dos relatos de quando ele chegou no abrigo. Sempre quis brincar com meninas e se sentia bem brincando com brinquedos tidos como feminino. Bom, isso não tem nenhum problema, porém naquela época isso foi um grande problema pra equipe que acompanhava ele. O CAPSi trabalhou muito bem com o acolhido e tencionou diversas vezes o abrigo na aceitação.

Atualmente eu ainda tenho umas discussões com o articulador de equipe que acompanha o Rincon. Teve um dia que fomos em uma capacitação de autismo e ele fez eu bufar de raiva. Em um momento específico da capacitação, abriu-se espaço para manifestações e questionamentos dos ouvintes. Era um curso estadual, tinha mais de trezentas pessoas de todos os cantos do estado. Ele levanta a mão e pergunta se existe

uma orientação ou algum tratamento para autistas que tem *homossexualismo*, pois ele sabia que para pessoas "normais" já existia, mas queria saber de autistas, pois as cabeças são diferentes. Eu fui o próximo a levantar a mão. Eu não consegui esconder a raiva e vergonha que eu estava de ele ter feito uma pergunta tão infeliz dessa. Comecei dizendo que em primeiro lugar não se diz homossexualismo, e aí foi só porrada e bomba. Eu passei por errado por ter deixado o meu sentimento na hora tomar conta, mas falei tudo que eu queria falar, o que estava engasgado a um tempão. Climão no evento. Climão na equipe. Lembro bem daquela época, foi bem quando aconteceu o golpe com a presidenta Dilma. Confesso que isso já estava me consumindo, eu estava já muito desgastado emocionalmente vendo a nossa democracia escorrendo pelo ralo. Não me segurei mesmo, soltei o verbo. Hoje, ele está próximo de se aposentar, aguardo ansiosamente por esse dia.

Mas voltando, por volta do meio dia estávamos retornando para o abrigo e entramos na rua de chão batido que nos levaria até a casa verde, da Lupita e do Rincon. Ele me olha e me pergunta: "tio, e se o nome dessa rua fosse Beyonce?" Fiquei parado olhando pra ele com um sorrisinho de canto pensando: Por que o nome dessa rua não é Beyonce? Fiquei pensando, "da onde ele me tirou essa pergunta?". Pensei na falta de referência que essas crianças têm de artistas negros/as e do quanto aquela pergunta foi potente, o quão ela mexeu comigo. Conversa vai, conversa vem, decidimos que aquela rua pra nós ia se chamar Beyonce. Acho que foi o momento mais épico que tive no estágio. No meu último dia de estágio, pegamos alguns materiais e fizemos uma placa em azul, bem parecida com essas que tem o nome das ruas e escrevemos "Rua Beyonce". Eu chorei muito neste dia. Quase não consigo segurar as lágrimas ao lembrar deste dia. Fiquei sabendo que a placa estragou depois de umas três chuvas, mas o importante que o nome ficou, pelo menos entre os acolhidos: A RUA BEYONCÉ!



## **5.5. A DOR DA DOR**

Malcolm e a psicóloga Judith tinham um grande vínculo no abrigo. Judith foi a primeira pessoa que conversou com Malcolm quando ele foi acolhido, aos seis anos. Ela estava lá quando ele foi trazido pelo oficial de justiça. Judith acabou sendo uma figura bem importante para ele no acolhimento. Ele pedia para ela ser sua mãe, implorava para passar os finais de semana na casa dela. Judith sempre explicava o papel dela no abrigo e que as coisas não poderiam se misturar. Era difícil para o Malcolm entender, mas ele se esforçava.

Malcolm tem um retardo mental leve. Foi acolhido por conta do homicídio da sua mãe e avó na comunidade. Ele ficou aos cuidados do companheiro da avó que não tinha nenhum vínculo de sangue e que respondia um processo crime de abuso sexual. A escola entrou em contato com o conselho tutelar, pois a criança ia estudar sem realizar refeições e com a higiene precarizada. O acolhimento foi difícil para Malcolm, ele nunca conseguiu entender o acolhimento e o porquê de estar ali, apesar da equipe sempre conversar com ele sobre o motivo do seu ingresso. Atualmente, com 13 anos, ele ainda acha confuso. Se ele perdeu a mãe, porque não deram outra para ele, se ele vê as outras crianças sendo adotadas. Por que só ele não está sendo adotado.

Quando Judith engravidou Malcolm não soube lidar com a situação. Ele não tinha uma mãe e a Judith não tinha um filho, por que que ela ia ficar grávida se tinha ele ali. Durante a gestação de Judith conversou em diversos momentos com o Malcolm sobre tudo que estava acontecendo. Foi um período estranho. Malcolm teve muitas desorganizações em um curto período de tempo, muitas delas endereçadas a Judith. Ele desejava a morte do seu filho. Ele dizia que nunca ia perdoar ela por essa traição. Judith entendia o sofrimento dele e conseguia entender que tudo isso não era para ela. Essas atitudes representavam o contraste de vida dele e daquela criança que nem nasceu, mas já teria tudo que ele queria ter.

No último dia de trabalho da Judith, foi o dia em que Malcolm teve sua maior instabilidade emocional. Judith foi se despedir dele, ele gritou muito, chorou e finalizou o adeus com um soco na barriga dela. Ambos estavam demasiadamente mobilizados com a situação. Judith foi socorrida pelo pessoal do ambulatório enquanto a equipe técnica tentava acalmar o Malcolm. Neste momento, Malcolm sai correndo e se joga no

carro da Judith. Judith pela janela do ambulatório, fecha os olhos e diz: “a dor dele é bem maior do que o soco que foi dado na minha barriga”. Malcolm seguiu para a internação.

## **5.6. O ESTAGIÁRIO QUE DÁ MUITA PINTA**

Dia de ir nas casas. O estagiário de psicologia tentava ir pelo menos uma manhã e uma tarde durante a semana para falar com educadores e acolhidos. Neste momento, as crianças costumavam demandar bastante atenção. Uns querendo conversar, outros brincar, colo e por aí vai. Às vezes rola uns “puxões de orelha”, eles respeitam muito os profissionais da equipe técnica. Alguns educadores também gostam deste momento, é um espaço que atualizamos como está se dando os encaminhamentos das situações das/os acolhidas/os, outros já veem nossa ida nas casas como uma fiscalização de trabalho. Enfim, a ida nas casas é bastante importante para as crianças e adolescentes.

Abdias é um estudante negro de psicologia da universidade federal, entrou pela política de cotas. O estagiário é gay, não esconde de ninguém sua orientação sexual. No início do estágio foi difícil com alguns acolhidos, mas de certa forma ele conseguiu dar conta disso. Abdias se identifica muito com as crianças que moram ali no abrigo. Ter sido criado na periferia faz com que ele seja bastante crítico ao acolhimento, principalmente da superproteção de adolescentes. Abdias gosta bastante de ler sobre gênero, sexualidade e raça; inclusive está pensando em fazer o trabalho de conclusão de curso sobre o imbricamento dessa temática. Ele conseguiu fazer umas discussões bem interessantes e embasadas sobre gênero e sexualidade durante as reuniões de equipe técnica. Sobre raça ele ainda não conseguiu discutir. Ele lembra de um caso que a raça era central no caso, mas ele não se sentiu à vontade para falar com a equipe. Ele não sabe muito ao certo, o porquê de não conseguir problematizar estas questões, ele só sabe que trava e não consegue discutir.

Em uma dessas idas para a casa, Abdias é chamado em um canto pela educadora, traz um menino de cinco anos e diz: “não quero mais tu abraçando o tio Abdias daquele jeito que tu estava ontem, tu é um rapazinho e tem que dar só aperto de mão”. Depois dessa cena constrangedora, a educadora chama o estagiário em um espaço mais reservado para dar um toque dizendo que era melhor para ele não pegar mais aquela criança no colo ou ficar dando abraços, pois as pessoas poderiam maldar. Um rapaz com uma criança toda hora de abraço não pega bem para um estagiário. Os educadores já estavam comentando sobre isso. Abdias sentiu o clima tenso na casa. Ele ia almoçar lá naquele dia e almoçou, entretanto, a comida não desceu. Aquelas palavras estavam pipocando dentro da cabeça dele. Ele estava procurando um sentido naquela intervenção, começou

a pensar ali mesmo, e se tivesse sido uma estagiária, seria essa abordagem? Se fosse um estagiário hétero, seria desse jeito? Por que a criança não pode ser afetuosa? Elas estão certas de certa forma em tomar cuidado com a criança, mas será que esse cuidado tem que ser assim mesmo?

Passa uma semana, Abdias vai na casa novamente, o clima está tenso. Ele já conversou com a sua supervisora local e ela já conversou com as educadoras. Ele está na casa, mas já não é a mesma coisa. Aquela entrada triunfal sendo recebido pelas crianças vindo pular no colo, abraçando, falando todas ao mesmo tempo já não tinha. Ele entrou, sentou no sofá, ficou brincando com a bebê que estava dentro do cercadinho. Ele já não queria mais nem pegar ela no colo. As coisas mudaram dentro dele. Mesmo se passando um mês do acontecido, ele ainda continuou sentindo o impacto daquela intervenção e o quanto aquilo interferiu no seu trabalho. As crianças pedem para ir a brinquedoteca, mas ele não se sente mais uma pessoa confiável para acompanhar aquelas crianças para brincar, se dentro da casa, na frente dos educadores eles já sentiam essa desconfiança, imagina longe do olhar deles.

## **5.7. AS VANTAGENS DE SER LOUCO...**

Terça-feira de manhã, no primeiro horário liga a psicóloga Djamilla que acompanha o Luther no atendimento individual do CAPSi. Ela queria compartilhar um episódio que havia acontecido na sessão de segunda-feira no final da tarde. Ela procurou pela psicóloga Alcione, a psicóloga de referência que acompanha o Luther no acolhimento. Ela contou que durante a sessão, o menino quis ficar todo o momento no chão, deitado e de olhos fechados. Luther é muito falante e extrovertido, Djamilla estranhou a situação e entrou em contato com o abrigo para buscar entender o que estava acontecendo com o menino no abrigo e/ou em outros espaços.

Luther é acolhido desde muito pequeno; hoje está perto de completar 15 anos. Ele não tem contato com nenhum familiar imediato ou extenso. Sua mãe era de Alegrete, veio para Porto Alegre e acabou falecendo quando Luther ia completar 1 ano. Foi neste período que ele foi acolhido. O sonho dele é ser adotado, porém naquele tempo as coisas eram difíceis para quem tinha HIV, pois o mesmo foi infectado transversalmente pela mãe. Hoje esta questão é mais flexível na adoção, tem pais que aceitam crianças com alguma ou algumas questões de saúde. Luther também tem diagnóstico de hiperatividade, toma medicação e quando se desorganiza, o acolhimento consegue acalmá-lo com manejo verbal.

No abrigo, as educadoras estavam sinalizando um comportamento infantilizado de Luther na casa. Ele se recusou a arrumar seu quarto durante a semana toda e não quis ajudar nas tarefas de casa. Polarizou algumas discussões com outros acolhidos e se negou a ficar de castigo, ficando mais no seu quarto do que no ambiente comum da casa.

Quinta-feira de tarde, por volta das 15 horas, a escola liga para alguém do abrigo ir buscar o Luther, pois o mesmo causou tumulto. Luther havia apertado o botão de incêndio, fazendo com que a escola fosse urgentemente evacuada e os moradores que viviam pelos arredores da escola até bombeiro haviam chamado. Foi uma loucura, disse a diretora. Nunca havia acontecido isso na escola, na dúvida os professores acharam melhor evacuarem a escola podendo ser outro tipo de emergência.

Sexta-feira pela manhã, Luther foi chamado para conversar sobre essas situações da semana. A equipe técnica estava bastante preocupada, pois Luther apesar de apresentar

algumas dificuldades, essas não eram as dele. Buscando entender a desorganização do acolhido na semana ele desabafa: “Eu só queria ser louco e ter um BPC”.

## **5.8. O SUSPIRO DE UMA VIDA INSTITUCIONALIZADA**

Sábado de manhã ensolarado. É dezembro. A cidade de Porto Alegre está muito quente. Todos da casa verde da rua sem saída acordaram mais cedo neste final de semana. Hellen, Moa, Eloá e João Maurício já estão na fila para o banho. Até Eloá que não gosta muito de banho, hoje é a primeira da fila. Ela tem um lindo vestido na mão, está eufórica para usar. Ganhou este vestido de uma voluntária no início do ano e só usa em ocasiões especiais. A ansiedade era visível naquela manhã. João Maurício tomou banho tão rápido que saiu com o cabelo seco. Depois do banho foi aquela correria, um pegou a mochila e coloca as garrafas d'água; outro pegou bolachas, frutas e por aí vai. Os estagiários já estavam por ali, Angela (estagiária de serviço social), Dandara (estagiária de psicologia) e Nelson (estagiário de nutrição). Aquele ia ser um dia diferente dos outros sábados, todos estavam com “o pé que é um leque”: era dia de passeio.

Todos foram para parada. O primeiro ônibus em direção ao centro da cidade passou, o segundo ônibus também e foi no terceiro que o pessoal conseguiu pegar. Hellen precisava de um ônibus com acessibilidade, pois faz uso da cadeira de rodas. Esta era a primeira vez que a menina pegava ônibus naquele ano. Em suas atividades diárias, ela se desloca com a van da instituição ou com algum carro que esteja disponível com motorista. Apesar de ter 17 anos, ela nunca anda só, sempre tem alguém junto dela. Convenhamos que também a casa onde Hellen mora não é em um lugar muito acessível para se deslocar sozinha. Moa já estava com seu remédio no bolso, escreveu em seu braço “12:00” para não esquecer que tinha que tomar ao meio dia o remédio. João Maurício estava com um sorriso estampado no rosto já pensando no almoço. Ele perguntava de cinco em cinco minutos: “O que a gente vai comer de almoço?”. Não satisfeito dizia uma lista de cardápio que era do seu agrado. Eloá tem o costume de sair mais que os outros, tem convívio com familiares e madrinha, mas a ideia de sair todo mundo junto, inclusive com os estagiários era o que mais a motivava.

Ao chegar no centro de Porto Alegre começa a aventura. João Maurício já estava com fome. Todos foram ao mercado comprar uns sucos e salgados para o café da manhã. Os estagiários sentiram aquela experiência muito rica para pensar trabalho futuro com os adolescentes. Eles e elas não tinham noção real do valor de cada coisa do supermercado. Eles não têm contato com dinheiro, nunca precisaram ir em uma padaria buscar um pão ou em uma farmácia buscar um remédio. Tudo está a sua disposição. O adolescente que

está tutelado pelo Estado no acolhimento, se depara com essa desorganização quando completa a maioria e tem que se desligar da IA. Enfim, foi um passeio e tanto. O centro de Porto Alegre foi desbravado. Quando chegamos na Igreja Nossa Senhora das Dores Moa desatou a contar a história dela e dar uma aula. E não era qualquer aula, uma aula crítica. Ele dizia que a igreja era linda, porém que não podia ser esquecido que foi feita a partir do trabalho escravo. Neste momento, todos acabaram discutindo muitos outros assuntos sobre história e escravização, inclusive sobre o Mercado Público de Porto Alegre. Abriu-se para questão.

Um dia de suspiro de uma vida institucionalizada. Na orla do Guaíba, tinha Eloá correndo com Hellen na cadeira de roda. Hellen com seus cabelos ao vento. No almoço, cada um poderia pedir o que queria. Foi aquela festa, principalmente para o João Maurício que pediu um Xis de Coração e uma Coca-Cola com bastante gelo. Moa pegou seu remédio para tomar logo que sentou na mesa para comer. Responsabilidade em primeiro lugar, dizia ele. O sorriso dos estagiários era algo lindo de se ver. Ali não estava mais um dia de acolhimento, porém um dia de vida comum. Os estagiários lotaram o celular de foto. Cada um teve direito a um book de fotos. O dia de passeio foi finalizado com um sorvete. Uma casquinha para todo mundo se lambuzar antes de ir para casa. Foi um dia e tanto. E todos se perguntaram quando ia ser a próxima.



## **5.9. A FEIRA DE FILHOTES**

Primeiro sábado do mês de maio. A van do abrigo passa nas casas para pegar as crianças, adolescentes e educadores para a festa. Tudo começa às 14 horas. A festa é na associação de trabalhadores do judiciário. Sempre tem muita comida nesta festa. Festa do Apadrinhamento Afetivo. Os voluntários estão de camiseta verde-limão, os candidatos a padrinho afetivo de camiseta laranja e os acolhidos de camiseta branca com o nome atrás escrito com aqueles pinceis marcadores de quadro branco.

O apadrinhamento afetivo possibilita que uma pessoa possa se candidatar a ser padrinho ou madrinha de uma criança ou adolescente que esteja acolhido em uma instituição de acolhimento. Este vínculo tem como objetivo o resgate do convívio comunitário, a possibilidade de se relacionar, conviver e realizar atividades que o façam conhecer valores positivos à sua formação. Esse projeto não implica em nenhum vínculo jurídico com a finalidade de adoção, embora tenha muitos casos de adoção frutos desta iniciativa.

Conceição está no abrigo há seis anos. Este era o seu quarto ano no programa de apadrinhamento afetivo. Atualmente, a menina tem quinze anos. Ela tem três irmãos menores que nas outras festas conseguiram ser apadrinhados. Conceição é uma menina negra de olhos negros lindíssimos. O ponto forte dela sempre foi sua risada contagiante. Todos se apaixonavam por ela no primeiro momento, mas quando a conversa se aprofundava e ela dizia que gostava de meninas e tinha uma namorada, as pessoas acabavam recuando. Ela até tentou um ano não contar sobre a sua orientação sexual para conseguir uma madrinha, mas quando ela tocou no assunto, mais uma vez ficou sem madrinha.

Ao contrário da Conceição, Simone, menina também com quinze anos conseguiu padrinho no primeiro ano em que participou do evento. Apesar de Simone ser muito tímida, teve diferentes candidatos para apadrinha-la durante a festa. Muitas pessoas tiveram interesse na acolhida. Os irmãos de Simone não estão mais no acolhimento, os dois menores conseguiram ir juntos para uma família substituta. Simone é uma menina branca, de olhos claros e com um cabelo liso que vai até o meio das costas.

Assim como Conceição, outras crianças também não conseguiram ser adotadas. Aretha, também não foi muito solicitada na festa para trocar ideias com os padrinhos e

madrinhas. Apesar de ser uma criança branca, Aretha tem uma deficiência intelectual leve. Por conta do remédio que Aretha toma, a acolhida usa babero por conta do excesso de saliva que acaba sujando a sua roupa. Este é o mesmo caso do Martin, menino negro autista de oito anos, que não conseguiu um padrinho. Martin, não tem grandes limitações intelectual por causa do autismo. Ele costuma se desorganizar em lugares com som demasiadamente alto e com muito tumulto, fora isso consegue interagir normalmente com outras crianças e adultos. Entretanto, quando os educadores diziam que o menino tinha autismo, era visível que os candidatos se desinteressavam.

Vincent, como já estava no seu quarto evento, já sabia como se comportar para ganhar um padrinho. Este ano ele ganhou um casal de padrinhos, ambos casados. Isso não deixou de ser a preocupação dos tios e tias. Um menino iniciando a adolescência indo para casa de dois homossexuais. Todos em alerta. Os outros adolescentes também não deixaram de comentar o fato, dizendo que Vincent seria a mulherzinha do casal. Devido a esses comentários e brincadeiras desnecessárias, Vincent demorou muito para se vincular com padrinhos.

Assim foi durante a tarde, padrinhos e madrinhas indo e vindo, fazendo perguntas, mostrando interesse e desinteresses naquelas crianças e adolescentes. Muitas crianças já não sabiam mais o que fazer para agradar os possíveis padrinhos e madrinhas. Os que conseguiram padrinhos ficaram muito felizes. Os que não conseguiram, alguns ficaram indiferentes e outros bem abalados emocionalmente. Outros já pensando no próximo primeiro sábado do mês de maio do ano que vem.

### **5.10. *ESSA FESTA NÃO É MINHA!***

Semana de festa no abrigo. 15 anos da Maria da Penha. O aniversário era na quinta-feira de noite, porém na segunda-feira, ela já estava com todos os preparativos a mil. Entrou na sala da equipe técnica, pediu para a estagiária de serviço social, Lélia, baixar na internet uma lista de música para sua festa. A lista era bem eclética, mas majoritariamente era funk, mas ela alertou: “tia, não tem nenhuma música bagaceira, pode confiar, só músicas que eu e as minhas amigas gostamos”. Lélia respondeu que mesmo que não tivesse, não poderia baixar essas músicas, pois não ia ser adequado a festa visto que ia ter autoridades e cargos de chefia da sede administrativa da fundação de acolhimento no aniversário.

Os aniversários costumam ser grupal com todas as meninas que estão completando 15 anos naquele semestre. Ela teve sorte de ser a única e ter um aniversário só para ela. No abrigo é tudo muito coletivo. Os aniversários normalmente são comemorados na última quinta-feira do mês. Todos os aniversariantes daquele mês ganham uma mesa de doces, salgados, refrigerantes e um bolo. Os convidados são sempre os mesmos, os acolhidos do próprio abrigo, às vezes têm convidados que são membros da família quando a/o acolhida/o tem vínculo familiar ou amigos para vínculo comunitário. Quando é aniversário das crianças, o abrigo conta com voluntários para trazer aqueles brinquedos infláveis que as crianças gostam muito. A figura do voluntário é bastante presente na vida dos acolhidos e acolhidas, eles que, muitas vezes, capitalizam as festas e levam doces, salgados, refrigerantes, decoração, entre outros, para os aniversários. Em festas de final de ano é o momento em que eles estão mais presentes fazendo festas e mais festas para todos os acolhidos do município de Porto Alegre, como também dando bastantes presentes.

Chegada a hora da festa, minutos antes, o presidente, autoridade maior e coordenador de todos os abrigos da fundação, pede para ver o pen drive de músicas. Coloca no primeiro computador que ele vê pela frente e apaga cerca de 80% das músicas, pois são do gênero funk. Não foi realizada uma conversa para saber quem baixou as músicas ou se quem baixou teve o cuidado de ver o conteúdo dos funks. Foi assim, ele sentou no computador e apagou todos os funks do pen drive. Ela é a autoridade máxima, ninguém vai comprar esta briga, ele tem o “direito legal” para fazer isso. A festa estava ótima, tocou cerca de umas 25 músicas não dançáveis. A galera queria mexer o corpo, mas a

playlist não colaborou. A moral sobre o funk não ajudou. Foram tiradas muitas fotos, uma delas foi para o site da fundação. Estava estampada lá, como sendo um evento magnífico.

Lélia não tinha ido à festa de aniversário da Maria da Penha, mas a acolhida na sexta-feira de manhã esperou a estagiária sentada na porta da sala da equipe técnica para contar como havia sido o seu aniversário. Ela disse que estava confusa, ao mesmo tempo que estava feliz em comemorar seu aniversário, estava um tédio. As amigas da escola têm uma outra visão de aniversário de 15 anos, aquele não foi o aniversário que ela imaginou. Tinha os engravatados que ela nem conhecia, mais que fizeram questão de tirar foto com ela e postar no site da fundação. As músicas não era as que ela realmente tinha escolhido, não tinha os funks. Ela finalizou a conversa dizendo: “*Aquela festa não era minha!*”.

### **5.11. MARIELLE, PRESENTE!**

Marielle foi uma das meninas negras do abrigo que conseguiram ingressar com 17 anos no ensino superior através da política de cotas raciais e sociais. A acolhida sempre gostou muito de estudar e sempre teve o apoio dos agentes educadores do abrigo. Existem muitos educadores que fazem seu papel de cuidar e ser um exemplo na vida das crianças do acolhimento institucional de crianças e adolescentes. Marielle passou em Direito em uma universidade federal. Marielle está no abrigo desde os seis anos. Nunca quis ser adotada. Tem uma madrinha afetiva professora de português que sempre lhe dá muitos livros de presente e tem sido uma figura muito importante para a acolhida desde que se conheceram.

Dona Cidinha, mãe de Marielle, sofria violência doméstica do marido, pai de Marielle, desde que a menina se entende por gente. Foi nesta época, após muitas ameaças do marido que Dona Cidinha se suicidou. Neste período, a rede se aproximou da família e por denúncias da menina ela acabou sendo acolhida no abrigo. A rede fazia algumas investidas neste pai, entretanto a menina não queria voltar para a casa, mesmo o pai querendo que ela retornasse. Depois de alguns meses, o pai acabou sendo recluso no sistema prisional no interior do estado do Rio Grande do Sul por homicídio.

Depois de alguns anos, Marielle conseguiu formalizar uma denúncia de abuso sexual sofrida pelo pai, que foi confirmada pelo Centro infantojuvenil que é referência no atendimento a abuso sexual. Deste modo, o pai passou mais alguns anos na prisão. Durante este tempo, Marielle nunca quis saber notícias do pai ou vínculos com familiares paternos. Algumas tias maternas faziam visitas para ela no abrigo, porém era muito raro. Seus vínculos afetivos se davam pela sua madrinha que conseguiu através do abrigo.

Através do judiciário, o pai de Marielle foi autorizado a realizar visitas no abrigo para a menina, pois pela visão do juiz, o pai já tinha cumprido a sua pena e estava quitado com a justiça. Sendo assim, o judiciário deu o endereço do abrigo. Este senhor não foi procurar a equipe técnica, ele esperou escondido na porta do abrigo e abordou a acolhida. O pai tentou raptá-la. Não obteve sucesso. A menina aos gritos conseguiu se libertar. O abrigo começou a andar junto da menina. Ela ia de carro para a universidade e retornava sempre acompanhada de um educador.

No passar do tempo, especificamente um mês, o abrigo por conta de pessoal e da grande demanda dentro do abrigo optou por deixar a menina ir sozinha para as suas aulas. Foi aí que aconteceu o inevitável. A menina foi morta pelo pai há duas quadras da sua casa. Marielle foi atingida com quatro tiros na cabeça. Aquele silêncio se fez em meio ao tumulto. O abrigo sentiu na hora a sua responsabilidade. A falha que custou uma vida, que custou um futuro e uma sede de justiça pela mãe. Marielle dizia sempre que ia ser advogada para lutar pelas mulheres que sofrem violência doméstica, assim como sua mãe sofreu durante anos.

Marielle, Presente! Foi o grito que o movimento negro da universidade deu para homenagear a acolhida. Até finalizar o semestre, Marielle era chamada pelos professores através da lista de presença. A turma respondia em um coro emocionante sempre: “MARIELLE, PRESENTE!”. O movimento Vidas Negras Importam, que é internacionalmente conhecido e fruto das Nações Unidas entraram com um processo contra o abrigo e o Estado por negligenciar uma vida negra. Marielle agora está presente em todos os lugares, sua foto está em todos os lugares e todos pedem justiça. Marielle jamais será esquecida.



14

---

<sup>14</sup> Imagem da Marielle Franco recuperada do site <https://ceert.org.br/noticias/mercado-de-trabalho-comercio-servicos/22418/marielle-franco-121-dias-sem-respostas-quando-a-mulher-negra-se-movimenta-toda-a-estrutura-da-sociedade-se-movimenta-com-ela--angela-davis>

## 6. HISTÓRIAS (IM) POSSÍVEIS: DESCOLONIZANDO AS NARRATIVAS

Aquele início de tarde. Todo mundo arrumado, arrumados compulsoriamente. Até a psicóloga e a assistente social passaram um batonzinho, coisa que nunca vi. Ué, que estranho. As crianças todas sentadas no sofá para não se sujarem. Uma já estava usando todo esse clima ao seu favor. Esse é um clima tenso para uns, dia de fazer pedidos para outros, tens uns que nem ligam. Dia de audiência concentrada. O dia que a juíza vai para o abrigo e monta o seu tribunal. Eu entrei pela porta da frente, caminhei em direção a outra porta que dá no pátio, no final desse pátio tem uma área coberta. Lá seria o tribunal da doutora juíza. Nesse pátio tinha um quadro verde escuro, as crianças amavam aquele quadro. Eu entrei e não vi nada. Quase 14hs a juíza passa, no quadro estava escrito “*bom dia, vagabunda*”. Ela não viu, não sei se alguém viu. Eu de fato não vi, porém, a uma agente educadora apagou. A sua garganta estava engolindo seco. Imagina o bafafá que ia ser se a juíza desse com seus olhos cor de mar, verdinho, verdinho, naquele quadro. Eu só conseguia pensar: resistência! Na saída, quando a juíza fechou sua banquinha, apareceu no quadro “*vai tomar no cu juíza*”. Dessa vez o escrivão que estava junto viu, olhou para o quadro, olhou para juíza e ambos ficaram com uma cara de poucos amigos. Eu, mais uma vez, pensei na resistência. Se vocês não entenderam o porquê da resistência, é porque certamente não foram em uma audiência concentrada.

\*\*\*

Bom, estou chegando ao fim... Escrever este trabalho foi uma experiência incrível. Eu me desafiei de uma forma que eu não sei se consigo colocar em palavras. Eu quis fazer um trabalho que eu olhasse e me identificasse, bom, eu olho pra tudo isso e consigo ver que eu consegui. Isso me traz uma satisfação enorme nesse coraçãozinho ansioso que eu tenho. Lembro da minha primeira reunião com a prof Lilian pra dizer mais ou menos o que eu queria, levei um monte de papel e fui dizendo: “quero isso aqui”, “um pouco disso aqui”, “pensei em fazer desse jeito aqui” e por aí foi. Eu cheguei pra ela e mostrei também o texto *Acolhimento institucional na assistência à infância: o cotidiano em questão* (Guedes e Scarcelli, 2014). Ela já conhecia o texto. Eu tinha me identificado

muito com aquelas vinhetas que mostravam cenas do acolhimento que me lembravam de situações semelhantes. Pensei: quero fazer algo assim. Eu sinto orgulho deste resultado.

São dois anos trabalhando com acolhimento e circulando na rede de saúde, educação e assistência social de Porto Alegre e região metropolitana; foi a partir da escrita deste trabalho que muitas coisas foram fazendo sentido pra mim no contexto dos abrigos. Entramos em uma rotina que mesmo com o suporte acadêmico que um estágio curricular necessita, muitas vezes não temos tempo pra parar e pensar/refletir sobre o que se está produzindo naquele espaço, quais são as mudanças, efeitos e interferências que eu estou fazendo na vida daquelas crianças e adolescentes. Escrever este trabalho me colocou em reflexão e me fez pensar nos pequenos nuances que me fizeram enxergar a potência do psicólogo social nestes espaços. Escrever as narrativas foi um belo exercício de problematização acerca do meu olhar de psicólogo social no Acolhimento Institucional de Crianças e Adolescentes. Nele eu me encontrei, me questionei que psicólogo estou buscando ser, que psicólogo quero ser. Isso diz da minha história de vida. Isso diz de não apagar as minhas origens.

São tantas histórias, eu disse que ia ter história do começo ao fim. Cheguei na minha história. Esbarro nas histórias de muitos colegas que chegaram nessa universidade e meteram o pé na porta para desmistificar histórias que eram únicas. Lembro de uma aula de desenvolvimento humano que a professora estava falando dos ciclos da vida e que em certa idade a gente, os seres humanos inseridos no nosso contexto, ia se deparar com mais perdas, aos poucos a gente ia perder o pai, a mãe, pessoas que foram nossas referências. Minha colega Andressa disse: “lá onde eu moro tem gente morrendo o tempo todo, eu perco conhecidos direto”. Na verdade, eu não lembro se foi bem isso que ela disse, mas foi com a intenção de contrapor a realidade que a universidade branca e burguesa enxerga das nossas vidas. Não temos uma única história. É preciso descolonizar essas histórias. Essas teorias do ciclo vital são resultados de estudos, estudos advindos da classe média do século passado. Aqui a gente não está falando que se tu for preto ou preta, tuas chances de morrer são bem maiores nesse ciclo vital bonitinho de vida perfeita de comercial de margarina.

Eu estou me graduando, antes de mim teve já muita gente preta se formando, depois de mim virão muitos outros. É emocionante ver o meu povo escrevendo sobre os seus. Aqui se produz outras histórias, histórias possíveis, histórias que não tem o negro,



pobre, viado ou fanchona como o objeto de estudo. Aqui se fala sobre o que os olhos enxergam e o que a pele vive. Nossas interessecionalidades têm efeito no outro nas nossas pesquisas. Aqui se insere como aprendemos a olhar para o mundo e o efeito que o nosso corpo produz nisso tudo. Entende-se, aqui, a implicação, a produção de subjetividade, a produção de conhecimento –como produzimos conhecimento-, resistência, a problematização, ética, a responsabilidade pelo que eu enxergo.

Então, estar na universidade é muito importante, mas não foi fácil. Dias de lutas, de lutas, dias de glória. Estar na universidade não nos coloca como isentos de uma aceitação social, até porque eu não mudei meu jeito de me vestir e me comportar ao ingressar neste ambiente. Vou para o estágio de psicologia de bermuda e chinelo. E sou muito aceito pelas crianças e adolescentes desta forma. Sinto que super rola uma identificação deles comigo. Entretanto, em alguns espaços, eu não sou tido como o estudante de psicologia ou como um quase psicólogo. Quando eu acompanho as crianças e adolescentes em atendimentos é sempre aquela pergunta: “tu és educador?”. Eu gosto de dizer que não, que sou um estudante de psicologia/um quase psicólogo. Isso é representado neste trabalho. Eu quero mostrar que a forma que eu me expresso também é válida. É uma resistência diária, pessoas. Entretanto, estar na universidade é sim um direito, eu fico pensando o quão importante seria para outros manos e manos que estão aí sem oportunidades. Estar na universidade me abriu grandes portas. Portas gigantes, me abriu os olhos também. Me fez compreender o quanto a educação pode mudar as nossas vidas, nos colocar em outros rumos. A educação deixa de ser vinculada somente à transmissão de saberes e passa a ser ato político (Freire, 2003). Falando em política, o contexto político atual tem agravado as coisas. Querem nos matar e eles não estão nem mais com vergonha de dizer isso. Eles não nos querem aqui neste lugar de intelectual. De onde eu vim, essas mortes estão acontecendo e se intensificando ainda mais nos últimos anos. Meus familiares estão lá. Meu coração também. A violência policial está muito tensa e intensa. Sempre foi muito tensa, mas está piorando. Essas narrativas são de quem está lá.

*“E as narrativas do Acolhimento Institucional de Crianças e Adolescentes, Leonardo?”*

O leitor pode estar esperando que eu faça uma análise sobre as narrativas, que eu escreva sobre elas usando referências para corroborar com o que eu criei, fazendo interpretações jogando teoria, teoria, teoria. Bom, eu não vou fazer isso. Não! Eu defendo essa ideia “com unhas e dentes”: analisar ou interpretar as narrativas é um

processo colonizador. “*Bom, mas tu bem que podia falar um pouco das narrativas?*” Esse trabalho todo gira em torno das narrativas. Eu avisei, logo no início, que este trabalho aqui seria diferente, pois não é necessário fazer uma espécie de tradução do que as narrativas “gritam”. Eu e esse trabalho de conclusão de curso é contra-hegemônico. O impessoal, deixarei trancado em uma caixa e guardada para outra ocasião. Na minha visão, aqui não cabe pensar em uma discussão sobre as narrativas. Tudo que elas podem produzir não cabe aqui, elas transbordam, qualquer tentativa será frustrada. Fico pensando se esse não seria inclusive o desejo delas. Lembro de ler os contos da Chimamanda e da Conceição Evaristo, ali não tem uma discussão. Eu entrava em um estado de reflexão em cada conto que eu finalizava a leitura. Quando terminei o livro, eu tive a enorme vontade de conversar com alguém sobre eles. Desta forma, eu quero que as minhas narrativas circulem na boca do povo. Quero que dessa forma se dê a discussão desse trabalho, inclusive com as pessoas que trabalham em abrigos e vivem esse cotidiano. Essa é a minha gambiarra, respeito sua ética, sem falar que gosto de me despedir sempre com um gostinho de quero mais.

O que os livros escondem,  
As palavras ditas libertam.  
E não há quem ponha  
Um ponto final na história  
**Conceição Evaristo**

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Akotirene, Carla (2018). *O que é interseccionalidade?*. Rio de Janeiro: Editora Letramento.

Almeida, Artur G. (2018). *A História de A.: Escrivências de Um Aluno Cotista Negro no Curso de Psicologia da UFRGS*. Trabalho de conclusão de graduação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Recuperado de <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/193342>

Alves, Iulo A., & Almeida, Tainá A. M. (2011). O Perigo Da História Única: Diálogos com Chimamanda Adichie. *Trabalho apresentado no I Ciclo de Eventos Linguísticos, Literários e Culturais na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia*. Recuperado de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/alves-alves-o-perigo-da-historia-unica.pdf>

Brah, Avtar, & Phoenix, Ann. (2004). Ain't I A Woman? Revisiting Intersectionality. *Journal Of International Women's Studies*, 5(3), 75-86.

Brah, Avtar (2006). Diferença, Diversidade, Diferenciação. *Cadernos Pagu*. 26, 329-376.

Brasil (1993). Lei Nº 8.742, *dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências*. Recuperado de [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8742.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8742.htm).

Brasil (2009). Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CNDCA). Conselho Nacional de Assistência Social. Orientações Técnicas: serviços de acolhimento para criança e adolescentes Brasília: CNDCA.

Brasil (2009). *Política Nacional de Assistência Social PNAS/ 2004*. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e Secretaria Nacional de Assistência Social. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Recuperado de [www.mds.gov.br/cnas/politica-e-nobs/pnas-2004-e-nobsuas\\_08-08.../download](http://www.mds.gov.br/cnas/politica-e-nobs/pnas-2004-e-nobsuas_08-08.../download).

Bruno, Fernanda (2017). Objetos Técnicos sem pudor: gambiarra e tecnicidade. *ECO-Pos (on-line)*, 20(1). doi: 10.29146/eco-pos.v20i1.10407

Carneiro, Júlia D. (2018, Março 9). É preciso questionar as regras que me fizeram ser reconhecida apenas aos 71 anos, diz escritora. *BBC Brasil*. Recuperado em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43324948>

- Costa, Luis A. (2014) O Corpo das Nuvens: O Uso da Ficção na Psicologia Social. *Fractal, Rev. Psicol.*, 26, 551-576. doi: 10.1590/1984-0292/1317
- Crenshaw, Kimberlé (2002). Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. *Estudos Feministas*, 10(1), 171-188.
- Evaristo, Conceição (2017). *Becos da Memória*. Rio de Janeiro: Pallas
- Evaristo, Conceição (2018). *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala.
- Freire, Paulo (2013). *Educação e Atualidade Brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire.
- Gonzalez, Lélia (1983). Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. *Ciências Sociais Hoje*, Brasília, ANPOCS, 2, 223-244.
- Guedes, Carina F. & Scarcelli, Ianni R. (2014). Acolhimento institucional na assistência à infância: o cotidiano em questão. *Psicologia & Sociedade*, 26, 58-67.
- Junqueira, Rogério D. (2012). Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, 1(1).
- Lima, Juliana (2017, Maio 25). Conceição Evaristo: Minha Escrita é Contaminada pela Condição de Mulher Negra. *Nexo Jornal*. Recuperado de <https://www.nexojournal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>
- Meneses, Maria Paula (2010). Outras Vozes Existem, Outras Vozes São Possíveis, in Garcia, Regina Leite (org.), *Diálogos Cotidianos*. Petrópolis, RJ. 247-265.
- Morais, Carolina (2018, Março 6). Chimamanda Ngozi Adichie: O “Furacão” Na Luta Pelo Feminismo. *Revista Estante*. Recuperado de <http://www.revistaestante.fnac.pt/chimamanda-ngozi-adichie-furacao-na-luta-pelo-feminismo/>

Netto, José E. S. (2016, Março 4). O Esporte, o racismo e os estereótipos. *Medium*. Recuperado em <https://medium.com/@joseevaristo/o-esporte-e-os-estere%C3%B3tipos-304dca96190e>

Omidire, Felix (2018). Ifayemi Elebuibon e a Gnose Nagô-Yorubana: A Poesia Cantada na Busca pela Descolonização do Saber no Mundo Globalizado. *fólio - Revista de Letras*, 10(2). doi:10.22481/folio.v2i10.4709

Pardal, Fernando (2016, Fevereiro 21). Lima Barreto: negro, escritor, rebelde. *Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT*. Recuperado em <https://ceert.org.br/noticias/direitos-humanos/10239/lima-barreto-negro-escritor-rebelde>

Paula, Leonardo R., Goulart, Vicente P. & Macedo, Fernanda S. (no prelo). *Psicologia Positiva, Perspectiva Interseccional e Direitos LGBTTT*.

Piscitelli, Adriana (2008). Interseccionalidades, Categorias de Articulação e Experiências de Migrantes Brasileiras. *Sociedade E Cultura*, 11(2), 263-274.

Ribeiro, Djamila (2017). *O Que é Lugar de Fala?*. Belo Horizonte (Mg): Letramento.

Rodrigues, Alexsandro; Roseiro, Steferson Z.; Zamboni, Jésio; Brasileiro, Castiel V.; & Santana, Mariamma F. (2017) Crianças bichas demasiadamente fabulosas. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, 3(1), 10-25.

Silva, Jorge A. (2018). O Devir Negro na Literatura Brasileira: Notas Sobre a Oralidade em Lima Barreto. *Fólio - Revista De Letras*, 10(2). doi:10.22481/folio.v2i10.4562

Soares, Lissandra V. (2017) *Escrevivências sobre mulheres negras acompanhadas pela proteção social básica – uma perspectiva interseccional*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre. Acessado em março/2019, de <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/182451>.

Soares, Lissandra V., & Machado, Paula S. (2017). "Escrevivências" Como Ferramenta Metodológica Na Produção De Conhecimento Em Psicologia Social. *Revista Psicologia Política*, 17(39), 203-219.

Sobral, Cristiane (2016). Palavras Não São Cascas. In: *Cadernos Negros: Poemas Afro-Brasileiro*. São Paulo: Quilombhoje,